



# **Biblioteca da Assembleia da República**

## **DOSSIER DE IMPRENSA**

Revista de Imprensa  
05-06-2009

- 1 - Sol, 05-06-2009, Equinócios e Solstícios
- 2 - Sol, 05-06-2009, Vitória é vital
- 3 - Semanário, 05-06-2009, A subir...a descer
- 4 - Semanário, 05-06-2009, A primeira volta das legislativas
- 5 - Semanário, 05-06-2009, Dias Loureiro não se devia ter demitido
- 6 - Semanário, 05-06-2009, BPN conquista 25 mil clientes desde a nacionalização
- 7 - Semanário, 05-06-2009, Os partidos sabem o que fazem
- 8 - Sol, 05-06-2009, Blogue
- 9 - Sol, 05-06-2009, Cavaco esclarece caso SLN
- 10 - Expresso, 05-06-2009, Do Freeport ao BPN
- 11 - Sol, 05-06-2009, Navio fantasma, concha vazia
- 12 - Expresso, 05-06-2009, O monólogo do banqueiro
- 13 - Sol, 05-06-2009, BPN líbios tentaram comprar banco
- 14 - Expresso, 05-06-2009, 'Buraco' no BPN difícil de recuperar mesmo com venda
- 15 - Expresso, 05-06-2009, Pacificação em curso... mas com reservas
- 16 - Expresso, 05-06-2009, Governo sem desatar nó do BPN
- 17 - Diário Económico, 05-06-2009, João Cravinho recusou oferta do BPN
- 18 - Expresso, 05-06-2009, Gato por lebre
- 19 - Expresso, 05-06-2009, Campanha da indiferença
- 20 - Sol, 05-06-2009, Banca à deriva
- 21 - Expresso, 05-06-2009, A semana de campanha
- 22 - Expresso, 05-06-2009, A culpa é nossa
- 23 - Expresso, 05-06-2009, A má moeda do BPN



# Equinócios e Solstícios

Pedro Santana Lopes



Previsível

## PSD ganha o Óscar da ingenuidade

NA SEMANA passada escrevi aqui sobre ingenuidade política – e o que se passou nestes dias mais recentes demonstra bem como é arriscado não evitar esse defeito.

Depois da audiência na comissão parlamentar que investiga o 'caso BPN', não pararam os ataques contra o PSD e vários dos seus militantes. Como é sabido, Dias Loureiro lá renunciou ao Conselho de Estado, e de vários sectores começaram a chover as críticas e as insinuações contra o maior partido da oposição.

Como era de prever, seguiram-se declarações do chefe-de-lista do PS nas eleições para o Parlamento Europeu a

falar em «roubalheira» e a associar todo o PSD a essa palavra. Para além disso – e como era também, infelizmente, esperado –, o Presidente da República foi alvo de notícias desagradáveis relacionadas com o tema.

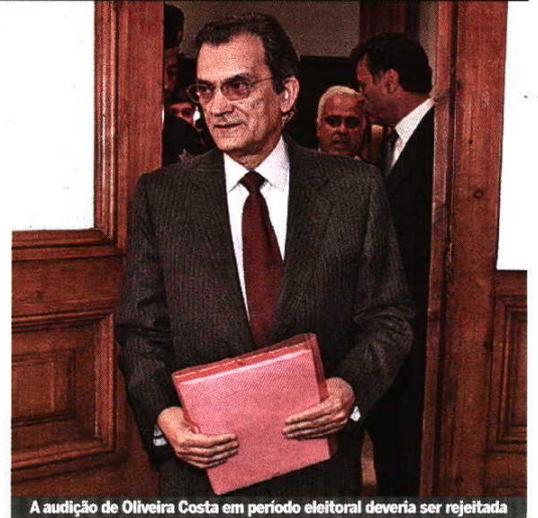
Repito o que escrevi no anterior artigo: a ingenuidade em política, principalmente a certo nível, paga-se muito caro.

O PSD (e, no geral, os outros partidos) não associaram, durante estes meses, o 'caso Freeport' ao Partido Socialista, como também não o fizeram noutros processos judiciais muito célebres, nomeadamente um que está à beira da conclusão.

O PS, pelo contrário, não teve escrúpulos – e não hesitou em utilizar as palavras de Oliveira e Costa para desencadear uma violenta ofensiva contra o Partido Social Democrata.

PODE perguntar-se quem estará certo – se aqueles que seguem este tipo de caminho, aproveitando casos individuais para atacar instituições, ou aqueles que não o fazem. Talvez a virtude esteja novamente no meio-termo. O que é absolutamente inimaginável é aceitar-se, com total convívência, uma sessão da comissão de inquérito, como a referida, durante as duas semanas de uma campanha eleitoral.

Tal complacência social-de-



A audiência de Oliveira Costa em período eleitoral deveria ser rejeitada

mocrata deve ser candidata ao Óscar da generosidade política, com fortes probabilidades de vencer! E só volto a falar neste assunto para sublinhar que não é por acaso

que às vezes escrevemos algumas palavras. O que aqui ficou escrito há oito dias mostrou-se absolutamente verdadeiro em função de factos ocorridos logo a seguir.

Incorrigível

## Só se falou do BPN...

NUNCA o PSD, durante estes meses, pediu o levantamento da imunidade ou sugeriu a responsabilização do primeiro-ministro por via das acusações de que tem sido alvo.

Nem sequer exigiu qualquer explicação por parte do Partido Socialista quanto a actos praticados por membros dos seus Governos. E manda a verdade dizer que o CDS, como o PCP, seguiram comportamento idêntico – e procuraram sempre separar, escrupulosamente, os terrenos da Política e da Justiça.

Essa atitude dos dois partidos do centro-direita tem merecido várias críticas de muitos cidadãos, que entendem que as respectivas lideranças deveriam exigir uma atitude clarificadora por parte do primeiro-ministro.

Facto é que o Partido Socialista conseguiu que decorressem as duas semanas de campanha eleitoral sem se falar no 'caso Freeport', e que o grande tema da área judicial tivesse sido

o BPN e os comportamentos, em actividades privadas, de militantes do PSD. Também o CDS e a sua liderança, apesar dos tais escrúpulos, 'levaram como troco' ataques por causa da história dos submarinos.

É, DE FACTO, uma 'proeza' – e dá que pensar sobre o modo como funciona o sistema político português. Cada vez mais uns podem fazer quase tudo e outros não podem fazer quase nada. Quantos comentários e análises não teríamos ouvido nos estúdios da televisão, em tom crítico (ou mesmo de firme censura), se dirigentes de outros partidos tivessem atacado José Sócrates durante esta campanha eleitoral?

O que mais impressiona em Portugal, não me canso de o escrever, é este permanente condicionamento da democracia. As regras – ou seja, a lei – não são iguais para todos. Uns têm de a cumprir, outros podem passar por cima dela.

Inadmissível

## Terreiro do Paço é excepção?

A PROPÓSITO de cumprimento da lei, vou falar de um assunto que, sendo de Lisboa, é de todo o país. Tenho seguido a orientação de falar o menos possível, neste espaço, de assuntos que relacionados com a capital de Portugal. Só que é absolutamente inadmissível aquilo que está a passar-se nesta questão verdadeiramente nacional.

Aproveitam-se movimentos de terras de obras de esgotos e saneamento para mudar o desenho e o perfil de uma praça que é símbolo cimeiro da História de Portugal. Isso até poderia ser feito – desde que se cumprisse a lei e a decisão fosse legítima nos termos de um Estado de direito. O que não pode suceder é que todas as autarquias do país tenham de obter aprovação do IGESPAR e de fazer estudos de impacto ambiental – e, neste caso, nada disso seja exigido.

Chegou-se ao deslante de o vereador de Urbanismo responder aos jornalistas, com a obra já a decorrer, que «um dia destes o Conselho Consultivo do IGESPAR há-de pronunciar-se»... Então agora é assim? A obra vai por aí fora, os contratos vão-se fazendo e ninguém impõe o cumprimento da lei?

Será que a jornalista da SIC que fez várias en-



trevistas ao então 'cidadão de Lisboa' José Sá Fernandes sobre necessidade de um estudo para o Túnel do Marquês não lhe quer ir perguntar agora por esses e outros estudos para esta obra?

PARA intervenções no Largo de Camões ou no Largo Barão de Quintela, em Lisboa, ou no túnel da Rua de Ceuta, no Porto, ou no Jardim das Portas do Sol, em Santarém, só para dar alguns exemplos, tem de haver autorização do Instituto do Património. E aqui não é preciso nada?

E o IGESPAR não reage? Não embarga? O Ministério do Ambiente também não? Ninguém que tanto escreveu sobre a necessidade de pareceres e estudos no Túnel do Marquês ou no Parque Mayer se lembra agora dessas exigências? Então o Terreiro do Paço é menos importante? Vale tudo só pelo desnorte causado pela aproximação de eleições e por se tentar à última hora e a

todo o custo fazer obras, sejam elas quais forem?

REPAREM que não falei sequer sobre o mérito do projecto. Essa é outra questão. Falo no simples e elementar cumprimento da lei num processo que está, à partida, ferido por uma aberração política e jurídica: ser uma sociedade do Estado, sem qualquer participação da Câmara, a fazer tudo isto em Lisboa. Onde já se viu?

Na Sociedade Lisboa 94 – Capital Europeia da Cultura, a Câmara detinha 50% e número igual de administradores. Na Expo 98 também tinha uma representação razoável. Agora, nesta Frente Tejo, não tem nada no capital nem ninguém na administração.

Como puderam aceitar isto? Como pode alguém que foi eleito para ser presidente da Câmara de Lisboa renunciar assim ao poder de decidir sobre áreas tão significativas, a vários títulos, do território da cidade?





# Política & Sociedade

## Europeias 09

# Vitória é vital

Os socialistas acreditam na vitória do PS nas europeias e que Manuela Ferreira Leite não fará **sombra a Sócrates nas legislativas**

**Maria Teresa Oliveira**  
teresa.oliveira@sol.pt

ESTA noite, em Lisboa, José Sócrates fará um último apelo à mobilização e ao voto. Apesar de Vital Moreira ter dito há dias que ganhar as eleições é ter mais um eurodeputado, os dirigentes socialistas não são tão ambiciosos: para vencer esta 'primeira volta das legislativas', basta ter mais um voto do que o PSD.

Estão otimistas, amparados numa campanha em dois registos – o do secretário-geral, mais contido, e, apesar das gafes (recondução de Durão Barroso ou o imposto europeu), o do cabeça-de-lista, mais agressivo – e nas sondagens.

«A expectativa é ga-

nar», confirma o porta-voz do partido, Vitalino Canas. «Na mobilização, não noto diferenças em relação às legislativas de 2005 e parece-me melhor do que as europeias de 2004», assegura a n.º 2 da lista, Edite Estrela.

Mas a prudência aconselha a preparar dois discursos. Em caso de vitória, não será poupada uma oposição que **perdeu o momento de se afirmar**, como resume um responsável do PS. À direita, particularmente ao PSD, repetirão as acusações de muita responsabilidade pela crise; à esquerda, insistirão na tese da sua colagem aos movimentos de contestação.

E nem a descida do PS

em relação aos deputados eleitos em 2004 (tinha 12) assusta: «A motivação para votar seria mais óbvia para quem não está contente».

Outro tema devidamente enfatizado será o facto do Executivo português ser uma excepção entre os Governos europeus – que se prevê irem ser fortemente penalizados nas europeias (ver página 7).

Se as coisas não correrem bem, os socialistas confiam num resultado próximo do do PSD. E aqui o discurso será óbvio, tentando minimizar as ondas de choque. A linha de força será: uma coisa são as europeias, outra as legislativas.

Mas o cenário que se pre-



Uma campanha para dois eleitorados: Vital, mais radical, e Sócrates, moderado

LUSA

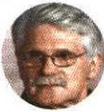
ve é mesmo o mais confortável para o PS. Uma vitória tangencial sobre os sociais-democratas, que não dê margem à temida substituição de Manuela Ferreira Leite. Um membro do secretariado acredita que «o PSD deve passar de 7 para 8 deputados. Assim, nem há condições para

afastar Ferreira Leite, nem ela se irá embora».

O que virá a seguir será mais complicado, com sérias dúvidas quanto à maioria absoluta. Também há quem se queixe que a oportunidade das europeias devia ter sido aproveitada para mais mobilização do partido.

E Manuel Alegre atacou ontem, no DN: «Há quem pretenda que não há alternativas. Eu creio que há sempre alternativas, aqui e na Europa». Mas um dirigente resume o espírito, pragmaticamente: «Agora, é ganharmos. O resto logo se vê».

**Eleitos**



Vital Moreira



Edite Estrela



Capoulas Santos



Elisa Ferreira



Correia de Campos



Luís Paulo Alves



Ana Gomes



Manuel dos Santos



Hasse Ferreira

**Na sombra**



Jamila Madeira



Jardim Fernandes

A entrevista de Vital Moreira

AO longo das últimas cinco semanas o SOL entrevistou os cabeças-de-lista às europeias dos partidos com representação no Parlamento Europeu. A entrevista com o cabeça-de-lista do PS ficou combinada no início de todo este processo – tendo sido acertado que seria na última semana da campanha. Aliás, ainda no domingo o SOL foi informado de que a entrevista se realizaria, faltando apenas marcar dia, hora e local. Lamentavelmente, na segunda-feira de manhã, a candidatura comunicou ao jornal que a entrevista fora cancelada. Foi invocada uma impossibilidade de agenda do candidato Vital Moreira.

# PS à frente nas sondagens

A ESMAGADORA maioria das sondagens realizadas para estas eleições europeias revela as mesmas tendências: primeiro, que o PS vai muito ligeiramente à frente do PSD nas intenções de voto, numa situação de 'empate técnico'; depois, que BE e PCP disputam taco-a-taco o terceiro lugar;

finalmente, que o CDS ficou relegado para quinta força, apesar de estar a recuperar eleitorado.

No entanto, todas estas previsões estão ensombreadas pela abstenção – sempre elevadíssima neste acto eleitoral. Em 2004, nas últimas europeias, foi de 61,40% tendo o valor

mais alto sido alcançado 10 anos antes, em 1994: 64,46% dos eleitores não foram votar.

«Quanto maior for a abstenção, maiores são as dificuldades. Se for muito elevada, as sondagens captam muitas intenções de voto que depois não se concreti-

zam», explica Pedro Magalhães, o director do Centro de Estudos e Sondagens de Opinião da Universidade Católica. E o maior problema é que essa discrepância se reflecte particularmente nas sondagens realizadas mais perto das eleições.

M.T.O.



# Tudo em aberto

SÓ UMA hecatombe nas eleições europeias, e em que ninguém no PSD acredita, poderia levar a uma reavaliação da liderança de Manuela Ferreira Leite ainda antes das legislativas.

As expectativas entre os sociais-democratas apontam para um empate técnico. Ou seja, a esmagadora maioria considera que o mais provável é os dois partidos conseguirem eleger o mesmo número de deputados ao Parlamento Europeu e que, a dois dias das eleições, as probabilidades de o PS ou o PSD ficarem à frente com uma ligeira vantagem são neste momento muito idênticas.

Para efeitos de liderança do partido, a diferença não será muita – o tempo até às legislativas é curto e ninguém fala em reavaliação do mandato de Ferreira Leite para já.

«Tanto pode ganhar o PS como o PSD, mas com uma vantagem que não deverá ultrapassar os 3%», arrisca ao SOL Mar-



Ferreira Leite e Paulo Rangel: só uma hecatombe eleitoral abriria nova crise no PSD

LUSA

celo Rebelo de Sousa. Com este cenário em cima da mesa, o professor antecipa que «se a vitória for do PSD isso será uma alavancagem espectacular para as legislativas de Outubro, tal como será uma alavancagem brutal para o PS se ganhar».

A direcção do PSD já ensaia a desdramatização de um resultado que pode acabar por ser favorável ao PS. Mas não falta quem considere que, «se o PS ficar três pontos à frente, isso é uma derrota brutal para o PSD». E se assim for? «O PSD fica num beco sem saída. Manuela Ferreira Leite não tomará a iniciativa de sair e nestas condições ninguém se chega à frente», prevê um destacado social-democrata, que

acredita que, nesse cenário, «a desmobilização vai ser total e vai ser muito penoso para o PSD disputar as legislativas».

## Passos 'penetra', Mendes e Marcelo out

Na última semana de campanha, líder e dirigentes do partido reforçaram a presença na estrada ao lado de Rangel. E até Luís Filipe Menezes recebeu o cabeça-de-lista do PSD na Câmara de Gaia (de onde Rangel é natural) com rasgados elogios ao candidato.

Já Passos Coelho, o principal adversário interno de Ferreira Leite, tomou a iniciativa de se juntar à campanha de Rangel em Vila Real, mesmo sem ter sido

convidado, aproveitando a sua condição de presidente da Assembleia Municipal.

A ausência de convites a destacadas figuras do PSD, nomeadamente aos ex-líderes Marcelo Rebelo de Sousa e Marques Mendes, por parte da Comissão Política, foi registada com desagrado na candidatura. «Era um sinal importante de que o partido está unido», justificou ao SOL um membro da equipa de Rangel. Mas ninguém o deu. E resta agora saber se no domingo à noite, e caso o PSD perca, Passos Coelho vai alinhar pelo guião da direcção do partido ou se, tal como Guterres fez a Sampaio nas legislativas de 91, vai ficar «chocado».

Sofia Rainho

## Eleitos



Paulo Rangel



Carlos Coelho



Graça Carvalho



Mário David



Maria do Céu Patrão



J. Manuel Fernandes



Regina Bastos



N. Teixeira Jesus

## Na sombra



Biancard Cruz



Marina L. Amaro

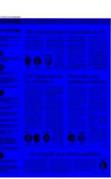
## O que indicam as sondagens

### Eleições europeias 2009

Autoria	Modo	Amostra	Data	PS	PSD	CDS	CDU	BE	Outros, Brancos e nulos
Eurosondagem	Telefónica	2.525	25/27 Mai.	35,5%	32,5%	6,5%	9,2%	8,8%	7,5%
Intercampus	Presencial	992	15/16 Mai.	37,1%	32%	3,5%	7,7%	9,9%	9,8%
Católica	Presencial	1.244	25/26 Abr.	39%	36%	2%	7%	12%	4%

### Eleições europeias 2004 (últimas sondagens)

Autoria	Modo	Amostra	PS	PSD + CDS-PP	CDU	BE	Outros, Brancos e nulos
Católica	Presencial	3.230	44%	37%	8%	5%	6%
Eurosondagem	Presencial	2.100	43,3%	37,8%	7,7%	5,6%	5,6%
Intercampus	Presencial	1.000	42,4%	27,5%	12,6%	6,7	10,9%
Resultado eleitoral			44,5%	33,3%	9,1%	4,9%	8,2%



## Europeias 09

### Frases da campanha

**Há quem pretenda que não há alternativas. Eu creio que há sempre alternativas, aqui e na Europa**

Manuel Alegre, que não entrou na campanha pelo PS, no DN, quinta-feira

**Uma Europa autónoma. Sem directório nem subversivência**

Idem, *ibidem*



**É uma vergonha. Estamos à espera que os senhores do PSD se pronunciem sobre a roubalheira no BPN**

Vital Moreira, 28 de Maio



**A campanha está a atingir um nível de discussão indigno**

Manuela Ferreira Leite, 29 de Maio

**Não conte que me vá calar. Não vou pactuar com o seu silêncio e a sua tentativa desajeitada de fugir à resposta e ao desafio que ontem lhe fiz**

Vital Moreira, 29 de Maio

**Sou candidato, não o ventríloquo do PS**

Idem, em entrevista ao JN, *ibidem*



**Não é legítimo que as lutas sindicais sejam instrumentalizadas em favor dos interesses partidários**

José Sócrates, num comício após a manifestação de mais de 50 mil professores em Lisboa, sábado

**É mais seguro votar no BE que acreditar em contos da Carochinha**

Miguel Portas, quarta-feira

**É muito mau para as oposições se não houver cartão amarelo ao Governo**

Marcelo Rebelo de Sousa, em entrevista ao DE, quinta-feira

**Se houvesse lógica na política, estas eleições seriam um cartão amarelo róseo**

Idem, *ibidem*

**A campanha do candidato Vital Moreira é a campanha da futilidade política**

Paulo Rangel, quarta-feira

**Ilda Figueiredo classifica-se em 11.º lugar [em audiência entre os 926 eurodeputados].**

*Avante!*, citando dados oficiais, quinta-feira

**Com alguma paciência ainda conseguimos encontrar Manuel dos Santos (271.º), Edite Estrela (274.º), ambos do PS, e só muito depois o deputado do BE, Miguel Portas (398.º)**

Idem, *ibidem*

**É uma campanha que não vive da exibição**

Miguel Portas, comentando o facto de ser o motorista da caravana do BE, segunda-feira



**Tenho convicção cada vez maior na eleição para o Parlamento Europeu**

Laurinda Alves, terça-feira

**São chicos-espertos, os que andam a dizer ao povo para não ir votar, para que os seus partidos de direita continuem a mandar neste país**

Jerónimo de Sousa, criticando, sem nomear, Marinho Pinto, por apelar à abstenção, domingo

# BE relativiza bom resultado do PS

O CAMPEONATO do BE não acaba agora nem se limita ao duelo que opõe bloquistas a comunistas. Com o crescimento eleitoral – potenciado pela crise e pelo voto de protesto – a prometer a eleição de um segundo eurodeputado, o partido de Lou-

çã ensaia já a resposta a uma eventual vitória socialista. «O que mede a vitória ou a derrota do PS é o que o põe dentro ou fora da maioria absoluta», diz João Semedo ao SOL.

A elevada abstenção será outro dado que os bloquistas usarão para relativizar o resultado de Sócrates.

A campanha de Miguel Portas fica marcada por «uma mensagem de pedagogia e uma crítica docu-

mentada, recorrendo a gráficos, estatísticas e mapas, de crítica à política neo-liberal», realça Semedo. A lição do BE serve para o futuro: «Temos esperança de que os portugueses vejam que este modelo de sociedade está podre». O objectivo é instalar a ideia de que há alternativa ao Bloco Central. A recomposição de forças à esquerda, envolvendo os alegristas, é o que está em causa.

Quanto ao duelo com o PCP, as expectativas do BE esfriaram. «O nosso percurso tem sido de aproximação à CDU, temos esperança que isso se

mantenha», garante Semedo.

A campanha do BE conseguiu juntar as críticas a Sócrates ao discurso europeu. Mas no caso do BPN teve de limitar os estragos do estilo aguerrido do candidato do PS, que tentou identificar a crise financeira com a «roubalheira» de figuras do PSD. «Vital foi inventado como candidato para tentar contrariar a esquerda. Não cumpriu. Tão importante como a roubalheira é o facto de o PS obrigar-nos a pagar os milhões do buraco do BPN», critica Miguel Portas.

Manuel Agostinho Magalhães

### Eleitos



Miguel Portas



Marisa Matias

### Na sombra



Rui Tavares

## CDU dependente da militância

A CDU tenta defender o estatuto de terceira força política. Se o BE conseguir ultrapassar a aliança liderada pelos comunistas, estas europeias serão um marco histórico na esquerda e uma noite eleitoral difícil na sede da Soeiro Pereira Gomes.

Mas, apesar das sondagens colocarem frequentemente o BE à frente, os comunistas contam com o voto militante e com os seus bastiões tradicionais para uma boa votação. Em eleição de círculo único, todos os votos contam. E as sondagens, como exemplifica o *Avante!*, sempre subavaliaram o voto no PCP.

Ilda Figueiredo e João Ferreira (o novo rosto comunista nesta campanha) são dados como eleitos. Mas, além disso, os comunistas recusam-se a fixar uma fasquia para «o que será

um bom resultado». O dirigente e deputado Agostinho Lopes limitou-se a avançar ao SOL: «A volatilidade das sondagens mostra que várias composições são possíveis».

O PCP empenhou-se nas demonstrações de força. A maior, na campanha, foi de longe a marcha que promoveu em Lisboa. A organização foi ao ponto de trazer de autocarro quem vinha dos arredores de Lisboa (Seixal, Cascais, Almada).

E Ilda Figueiredo dependeu menos de Jerónimo de Sousa do que o rival Miguel Portas de Louça: os dois rostos principais dos comunistas andaram por norma em percursos paralelos.

Apostada em responsabilizar o Governo pela crise, a CDU teve no caso BPN uma das irritações da campanha. «O pano de fun-

do deste acto eleitoral é o encerramento de empresas, muito mais do que os fenómenos de corrupção», argumentou Agostinho Lopes.

M.A.M.

### Eleitos



Ilda Figueiredo



João Ferreira



Ana Rita

### Eleito



Nuno Melo

### Na sombra



Diogo Feio

Sofia Rainho

## O 'estágio' dos novos partidos

DUAS novas formações políticas apresentaram-se nestas europeias anunciando a ambição de eleger um eurodeputado. Mas as sondagens dão poucas esperanças à jornalista Laurinda Alves, cabeça-de-lista do MEP, o novo partido do activista Rui Marquês. E menos ainda ao segundo dos pequenos

novos partidos – ambos situados no centro do espectro político – o MMS, que tem um gestor de sucesso em França, Carlos Gomes, a liderar a lista às eleições de domingo. As europeias terão ainda assim um ganho: o de 'estágio' para as próximas legislativas.

Além da novidade, o MEP e o MMS

destacaram-se pelos meios investidos na campanha. Os *outdoors*, os *sites* e outros elementos de campanha (Laurinda Alves teve até um autocarro) contrastam com os de velhos *outsiders* como o POUS, o PPM, MPT ou o Partido Humanista.

M.A.M.

### Na sombra



Laurinda Alves



Durão Barroso conta com o apoio dos principais líderes europeus para se manter à frente da Comissão Europeia por mais cinco anos

GETTY IMAGES

# Abstenção histórica e PPE em vantagem

**Pequenos partidos e oposições** serão principais vencedores

**Nuno Escobar de Lima**

nuno.e.lima@sol.pt

A MAIORIA do Partido Popular Europeu (PPE) no Parlamento e a continuidade de Durão Barroso na presidência da Comissão são factos prestes a consumar-se. Mas as semelhanças em relação ao actual panorama europeu deverão ficar por aqui após as eleições desta semana.

A mais alta taxa de abstenção de sempre – teme-se que poderá chegar aos 70% – deverá levar pelo menos dez novos partidos para Bruxelas, enquanto 11 das 27 forças políticas actualmente na oposição sairão vencedoras nos respectivos países.

Um estudo realizado por três analistas políticos britânicos – consultável em [www.predict09.eu](http://www.predict09.eu) – indica que o PPE deverá baixar de 37% para 34% dos deputados. Números suficientes para manter a maioria, perante a mínima subida do Partido Socialista Europeu (de 27% para 28%) – o que permitirá a reeleição de Durão Barroso (ver texto ao lado). Já a aliança de liberais e democratas mantém-se como a terceira força em Bruxelas (11%), apesar do aparecimento de uma nova coligação conservado-

ra, liderada pelos britânicos de David Cameron – que não deverá passar dos 8%.

## Abstenção histórica

Que a abstenção alcançará números históricos ninguém dúvida: o último estudo do Eurobarómetro indica que apenas 39% dos europeus estão decididos a exercer o direito de voto, contra os 48% que votaram em 2004.

Mas, entre 1979 e 1994, os estudos do Eurobarómetro revela-

## Partidos no Governo são penalizados... mas o PS português foge à regra

ram-se sempre optimistas, pois a participação real ficou-se sempre por uma média de 4/5 em relação ao esperado. Se a tradição se mantiver, apenas 31% dos europeus escolherão a nova composição do Parlamento.

Um facto que beneficiará novos pequenos partidos, que assim conseguirão eleger deputados pela primeira vez. Algo que, segundo

as sondagens, deverá acontecer na Áustria, Bélgica, Eslovénia, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Irlanda e Suécia. Entre estes, destaque para o Partido da Liberdade, da Holanda, que se deverá estreir em Bruxelas com três deputados, às custas dos dois grandes partidos do centro que formam o actual Governo.

## Governos penalizados

E se a abstenção beneficia os pequenos partidos, a crise financeira parece beneficiar as oposições.

Portugal, a confirmar-se as sondagens que dão a vitória ao PS, será excepção.

Bulgária, Chipre, Hungria, Estónia, Espanha e Reino Unido – países com Governos de centro-esquerda – serão representados por maiorias de centro-direita em Bruxelas. O inverso acontecerá na Dinamarca, Suécia, Malta, Grécia e Polónia.

O mesmo poderia acontecer na República Checa e na Lituânia, onde os castigados serão os partidos que foram afastados do Governo nos últimos meses.

Já na Alemanha, metade da co-

ligação governamental sairá penalizada enquanto a outra metade beneficiará com isso: os democratas-cristãos liderados pela chanceler Angela Merkel deverão perder 10 deputados em relação a 2004, enquanto os seus parceiros de coligação sociais-democratas elegerão mais 11 deputados.

Quem parece resistir à crise e à abstenção são os principais partidos de França, Itália e Eslováquia. Nicolas Sarkozy deverá conseguir mais sete deputados em relação ao resultado de 2004 do UMP, então liderado por Jacques Chirac. A crise de identidade entre os socialistas franceses levará à perda de 10 eurodeputados e o novo partido anticapitalista deverá estreir-se com sete.

O italiano Silvio Berlusconi espera conseguir mais 10 deputados do que a oposição, sendo que a Liga do Norte – sua parceira de coligação – aumentará de quatro para seis o número de representantes. Na Eslováquia, o partido no poder distancia-se da oposição, em relação ao resultado de 2004.

Na Letónia, dá-se a curiosidade de oito dos 11 partidos concorrentes dividirem os oito eurodeputados do país.

## Durão Barroso reforçado

A REELEIÇÃO de Durão Barroso na presidência da Comissão Europeia ganha força com a perspectiva de uma renovação da maioria do Partido Popular Europeu (PPE). Isto porque, apesar de a escolha caber ao Conselho Europeu – que reúne os chefes de Estado ou de Governo dos 27 –, tem posteriormente de ser aprovada no Parlamento Europeu (PE).

Com o apoio garantido dos líderes de Reino Unido, França, Alemanha, Portugal e Espanha, entre outros, o português terá de esperar que um outro grupo parlamentar em Bruxelas se junte ao PPE na sua aprovação. Tradicionalmente, o grupo dos liberais e democratas – o terceiro maior no PE – vota no candidato apoiado pelo PPE, o que bastará para alcançar a maioria.

Porém, o primeiro mandato de Barroso foi diversas vezes criticado por líderes liberais e o grupo pode cortar com o passado. Aí, a alternativa seria uma coligação entre socialistas, liberais e democratas, ecologistas e partidos de extrema-esquerda. Um cenário pouco provável, tanto pela natureza da coligação como pelo facto de vários governos do grupo socialista já terem declarado o apoio ao português.

N.E.L.

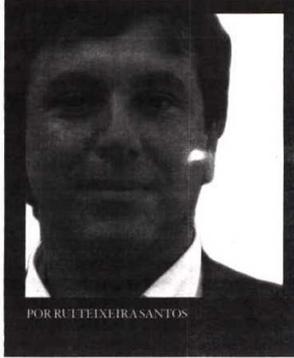
## Europeias penalizam partidos no Governo

# Se Sócrates ganhar será **exceção na Europa**

► **300 mil jovens vão votar pela 1.<sup>a</sup> vez**



SE o PS vencer no domingo, como indicam as sondagens, será uma das raras exceções entre os partidos que governam na Europa. Entretanto, há 300 mil novos eleitores dos 18 aos 24 anos. » Págs. 4/5/



PORRU TEIXEIRASANTOS

**NASCIMENTO RODRIGUES** – Demitiu-se esta semana do lugar de provedor, depois dos partidos não se terem entendido na escolha do seu substituto. Já o tínhamos dito, nenhum destes candidatos, depois de usados pelos partidos políticos, serve e que tem que aparecer um novo e por consenso.

Mas Nascimento Rodrigues não fica por aqui. No fim-de-semana no "Público", acusou o Governo de procurar um meio de enriquecimento "indevido, injusto, imoral" com a proposta de alienar à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, por 1,26 milhões de euros, a Igreja Paroquial de Santo António de Campolide. Nascimento Rodrigues sublinha o "indisfarçável processo de ruína" do imóvel classificado e diz ser incompreensível "por que motivo o Estado o mantém em seu poder e não o restitui aos paroquianos". Numa carta enviada ao ministro de Estado e das Finanças no fim de Abril, o provedor lembra que a igreja foi confiscada há quase 100 anos pelo Estado, que "nunca cuidou de conservar o imóvel, muito menos de o beneficiar, sem prejuízo de o ter vindo a classificar em 1993 como imóvel de interesse público pela sua valia arquitectónica e histórica". Assim sendo, aprecia Nascimento Rodrigues, "impor como condição à comunidade paroquial a sua aquisição a preço de mercado é algo que ninguém dará como solução equilibrada". O provedor de Justiça já tinha defendido esta posição em Junho de 2008, altura em que recomendou ao ministro "a adopção, pelo Governo, de providências legislativas adequadas, que permitam ceder à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e Senhor Jesus dos Paços da Santa Via Sacra, a título gratuito e definitivo, sem outros ónus nem encargos que os resultantes da Concordata com a Santa Sé, a Igreja de Santo António da Campolide". O teor desta recomendação foi, segundo Nascimento Rodrigues, "largamente controvertido" com a Direcção-Geral do Tesouro e das Finanças, que lhe comunicou a disposição de alienar o imóvel por 1,26 milhões de euros. Isto porque, argumentou na ocasião o responsável pelo organismo do Ministério das Finanças, a Concordata com a Santa Sé, que reconhece à Igreja Católica, a propriedade dos bens que lhe foram confiscados não se aplica a este caso porque em 1910 este imóvel era da Companhia de Jesus e não literalmente da Igreja Católica. O director-geral, Carlos Durães da Conceição, alegou ainda que a norma concordatária não era aplicável, porque o uso da igreja encontra-se cedido à referida irmandade. Nascimento Rodrigues diz que "não vale nenhum dos argumentos apresentados", porque está de facto em causa a Igreja Católica, "como o conjunto das pessoas regularmente constituídas e erectas segundo o direito canónico", e porque a cedência do imóvel "não retira ao Estado a qualidade e estatuto de possuidor". O provedor conclui que propor uma aliena-

ção por 1,26 milhões de euros lhe parece "um locupletamento verdadeiramente injusto da parte do Estado" e frisa que o impedimento legal de o Governo alienar bens seus de forma gratuita "deveria circunscrever-se ao património legítimo do Estado e não também aos imóveis 'conservados' em seu poder contra disposições concordatárias". O "Público" perguntou ao ministro de Estado e das Finanças se já existe uma resposta à carta do provedor de Justiça e se está ou não a ser equacionada, em função dos argumentos de Nascimento Rodrigues, a cedência a título gratuito e definitivo do imóvel à irmandade. O seu assessor de imprensa respondeu que a igreja "não se encontra abrangida pelo âmbito das Concordatas celebradas com a Santa Sé, pelo que integra a titularidade do Estado". Mais disparate jurídico do Ministério das Finanças!

**DURÃO BARROSO** – Os partidos conservadores deverão voltar a ser os mais votados nas eleições europeias que decorrem em toda a União Europeia (UE)

entre ontem e domingo, o que deverá garantir sem dificuldades a nomeação de Durão Barroso para um novo mandato de presidente da Comissão Europeia.

**JOSÉ SOCRATES** – O governo é a solução – parece ser o "país subsídio-dependente" que se criou nesta década. Segundo uma sondagem da KPMG, mais de 50 por cento dos gestores portugueses pensa que o governo tem o papel principal no alívio da recessão, pois 25 por cento considera que o Estado deveria ajudar as pequenas empresas a partir de incentivos e apoio financeiro e 15 por cento afirmou que é preciso existir uma política fiscal mais eficaz. Nenhum empresário defendeu que o governo já fez o suficiente e não deveria interferir mais. As mudanças dos hábitos dos consumidores e a pressão dos fluxos de caixa foram as principais razões para 45 por cento das empresas portuguesas ter assumido estar a alterar as estratégias comerciais, face à conjuntura económica actual. Quanto às alterações que irão ser feitas, 67 por cento afirmou que irá rever o modelo de

negócios, 56 por cento respondeu que irá alterar a base de dados dos clientes e 44 por cento tem em mente mudar os produtos que comercializam. No entanto, 40 por cento dos directores referiu que não planeia fazer qualquer tipo de mudança na estrutura empresarial e 15 por cento respondeu estar indeciso. Quando questionados sobre a forma mais eficaz de as empresas em Portugal controlarem melhor as despesas, 55 por cento afirmou que a solução passa por reduzir os custos com os fornecedores, 40 por cento respondeu que pretende otimizar os processos de negócios e 30 por cento assume a necessidade de reduzir a força de trabalho. Quanto às perspectivas de melhoria, 55 por cento dos empresários em Portugal espera que a economia recupere em 2010 e 65 por cento tenciona começar a investir dentro dos próximos 18 meses. Recorde-se que os estímulos fiscais concedidos pelo Governo português para combater a crise têm um peso de 0,9 por cento do produto interno bruto (PIB), de acordo com Jürgen Kröger, director das Economias dos Estados-membros na estrutura da Comissão Europeia. ]



**VÍTOR CONSTÂNCIO** – Não é só em Portugal que falta. No BCE também agora se baixaram drasticamente as previsões de crescimento da economia europeia, demonstrando que o Banco Central não soube prever o evoluir da crise. Ontem mantiveram a taxa de juro em 1%, mas reviram em forte baixa do PIB que cairá entre 5,1 a 4% contra os 2,7% anteriormente previstos.

Mas Constâncio continua a ser fortemente visado no Parlamento pelo caso BPN e viu a sua proposta para o BPP ser reprovada pelos restantes bancos e ter as maiores dúvidas do lado do Governo. Constâncio deve sair do BdP depois das legislativas dando lugar eventualmente a Teixeira dos Santos, caso o PS vença as legislativas do Outono.

**HELENA LOPES DA COSTA** – A deputada do PSD e ex-vereadora da Câmara de Lisboa, Helena Lopes da Cos-



ta, foi acusada pela Procuradoria-Geral da República de 22 crimes de abuso de poder por ter atribuí-

do irregularmente casas que pertencem à autarquia de Lisboa.

**FERNANDO PINTO** – O seu ciclo já passou em definitivo. Ontem, os pilotos da PGA – Portugalia consideraram que não eram credíveis as "ameaças" do presidente da TAP, que em entrevista à Lusa afirmou que a greve pode levar a transportadora nacional a vender a sua participada.

Em comunicado, o Sindicato dos Pilotos da Aviação Civil (SPAC) afirmou que "os pilotos não aceitam ser enganados de novo e não se deixam intimidar com ameaças não credíveis", numa referência à entrevista de Fernando Pinto à Lusa. Na entrevista, o presidente da TAP disse que "perdeu toda a paciência" com os pilotos da Portugalia-PGA que iniciaram ontem um período de dez dias de greve, acrescentando que estes estão a "ultrapassar todos os limites". ]

## EUROPEIAS DE DOMINGO

## A primeira volta das legislativas

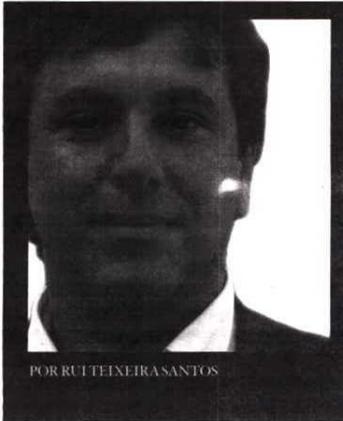
AS ELEIÇÕES europeias de domingo estão algures entre uma sondagem e uma primeira volta das legislativas de 20 de Setembro. E saberemos isso no próprio domingo, com o dado que nos falta: o da abstenção. Se ela for grande, estaremos perante uma sondagem - e ninguém vai votar para uma sondagem; se, porventura, e pela primeira vez, a abstenção for mais reduzida do que é habitual, estaremos claramente diante da primeira volta das legislativas.

Verdadeiramente ninguém está muito

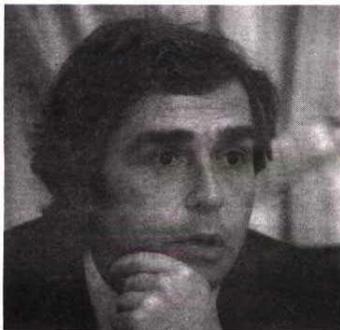
sua carreira que propriamente assegurar que Ferreira Leite chegue a primeira-ministra. E, portanto, o discurso da falta de verdade desapareceu para se transformar num conjunto de comentários televisivos aos episódios do dia. Sem mais nada.

A ausência da mensagem repetida desde o lançamento de Ferreira Leite (provavelmente criada por Pacheco Pereira), por um lado, mas sobretudo dois outros factores - como o caso BPN e a ausência de Ferreira Leite da campanha -, vieram transmi-

Porém, se ganhar o PSD, falta saber se se cumpre a tradição de que quem ganha as europeias ganha sempre as legislativas seguintes. E vale a pena seguir as convulsões internas no PS. Se Sócrates se mantém à frente do partido, mesmo depois de uma eventual derrota, deixando ao PSD o ingrato papel de governar num ciclo difícil e sem recursos, esperando para regressar dois anos depois, quando a crise económica tiver mesmo passado, ou se, pelo contrário, finalmente António Costa lhe fica



POR RUI TEIXEIRA SANTOS



interessado nos temas europeus. Do que se trata é de avaliar o governo socialista e a sua capacidade para conduzir a retoma económica.

Foi isso mesmo que José Sócrates percebeu e, por isso, o mau candidato que escolheu para cabeça de lista obrigou-o a ir ao terreno contra um Paulo Rangel solitário.

E se Paulo Rangel chegou facilmente para Vital, para José Sócrates ficou claro que não bastava.

Do lado do PSD toda a mensagem a que o Freeport ajudou também foi contraída com os mesmos ingredientes com que se montou a armadilha a Santana Lopes há quatro anos. O PS limitou-se a dizer que o governo Santana era uma tralhada e ganhou. Agora o PSD reduziu toda a sua mensagem ao "Pinóquio", usando até à exaustão a alegada falha de carácter do primeiro-ministro, contrapondo Ferreira Leite a sua imagem de verdade.

Aliás, este discurso já Ferreira Leite tinha usado contra Pina Moura, quando esteve no Ministério das Finanças com Durão Barroso...

**O que está a falhar**

As europeias, em vez de ampliarem esta mensagem, serviram ao PSD para lançar um candidato pouco conhecido e que obviamente está mais interessado em gerir a

tir a sensação que esta oposição não consegue conquistar o poder, mas que Sócrates é que o poderia perder.

E de certo modo, com o tempo a contar contra ele e sobretudo com a imagem marcada pelas sucessivas campanhas, Sócrates percebeu que ou era ele a desequilibrar a corrida, ou podia comprometer definitivamente as legislativas, correndo mesmo o risco de ser substituído por António Costa antes das eleições.

E por isso o primeiro-ministro decidiu jogar tudo.

**O que vamos ficar a saber**

As sondagens são contraditórias. Mas desenham as grandes questões que queremos saber para o futuro: em primeiro lugar, quem fica à frente: o PS ou o PSD.

Se ganhar o PS, vale a pena seguir o que acontecerá no PSD. Ferreira Leite, que não se comprometeu na campanha de Rangel, aguenta-se ou cede lugar no Conselho Nacional, eventualmente a Pedro Passos Coelho - que não tem nada a perder, aliás, pois a situação a que o PSD chegou, não é a ele que se fica a dever, e, por outro lado, mesmo que não ganhe as legislativas, fica em posição para, nas seguintes, dois anos depois, as ganhar, deixando ao PS a difícil tarefa de consolidar as contas públicas em governo minoritário.

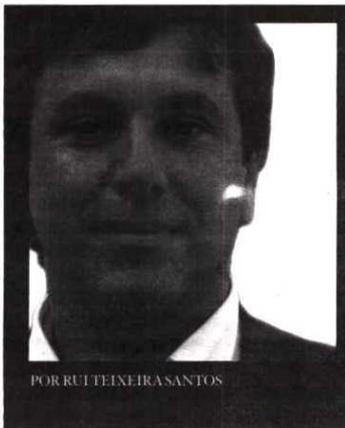
com o lugar ou se António José Seguro avança.

A segunda questão a saber é se o PCP se mantém como a terceira força política, ou se, ao contrário, é ultrapassada pelo Bloco de Esquerda. O PCP tem a sua agenda e todos a conhecemos - nacionalizações, reforma agrária, planeamento central. Já sabemos que não resulta e que empobrece as populações. Já o BE é diferente. A sua agenda extremista vive entre o populismo e o oportunismo, com boa imprensa e um forte apelo mediático, o que está a mobilizar sobretudo os jovens.

A terceira questão é a de saber se o CDS vai desaparecer do Parlamento Europeu, pagando o preço do descrédito de Paulo Portas ou se, pelo contrário, arranja votos para em Setembro se tornar no partido de carneira do Regime, podendo eventualmente sustentar entendimentos parlamentares com o partido mais votado.

**Os sinais para o futuro**

O tempo não vai estar muito bom e muitos farão as suas miniférias só no próximo fim-de-semana, ou seja, é bem possível que a abstenção não chegue aos 60 ou 70% que algumas sondagens admitem. Mas sondagem ou primeira volta das legislativas, o certo é que subitamente há muita coisa em jogo, já nestas europeias. [



POR RUI TEIXEIRASANTOS

## Dias Loureiro não se devia ter demitido

**DIAS LOUREIRO**, ou se tinha demitido no início da história do BPN, como fez António Victorino no caso do monte alentejano, ou aguentava-se até ao fim.

Ao sair agora acabou por abrir a “caixa de Pandora” e expor não apenas outros militantes do PSD de Cavaco Silva, mas, sobretudo, o próprio Presidente da República.

Foi logo na mesma semana da sua demissão que a manchete do “Expresso” se orien-



tava para o Presidente Cavaco Silva, mostrando que o caso BPN pode ser o enterro do cavaquismo pelo seu lado mais perverso. -

O Presidente sentiu-se de tal modo incomodado com alegadas insinuações que o



jornal diz em comunicado não ter feito, que foi obrigado a vir explicar o que havia feito do seu património, mesmo antes, quando era professor.

E na quarta-feira passada a SIC subia o tom, quando avançou que só por convite era possível Cavaco ter sido accionista do BPN, o que lhe permitiu mais-valias, exactamente com acções do banco cuja nacionalização já custou aos portugueses 2,5 mil milhões de euros.

Escrevi logo na semana passada que Loureiro fazia mal em demitir-se. O mal está feito. Loureiro não aguentou a pressão. Agora irão os outros – desde o Joaquim Coimbra ao Gala – e veremos como fica Cavaco Silva, um homem ímpoluto que o País, diante da ausência provável de maiorias absolutas nas legislativas, tanto precisava para garantir a autoridade do Estado.]



PREJUÍZOS DE 575 MILHÕES EM 2008

# BPN conquista 25 mil clientes desde a nacionalização

O BANCO PORTUGUÊS DE NEGÓCIOS conquistou 25 mil clientes desde a nacionalização, revelou hoje o presidente do banco na conferência em que divulgou que os prejuízos da instituição superaram os 500 milhões de euros, em 2008.

“Não foi fácil chegar aqui”, afirmou o presidente do BPN, Francisco Bandeira, revelando que o BPN conquistou 25 mil clientes desde a nacionalização.

Os prejuízos do BPN atingiram os 575 milhões de euros e os capitais próprios fo-

ram negativos em 1,62 mil milhões de euros, concretizou Norberto Rosa, vice-presidente do BPN. O responsável diz que estes valores não resultaram de actos de gestão decididos em 2008 mas de comportamentos adoptados desde a sua constituição.

## BPN está a avaliar a venda do banco Efisa

O presidente do BPN disse ontem que o banco está a vender o BPN França e o BPN Brasil (uma parceira com o BAI) e está a analisar a situação do Banco Efisa.

Sobre a Real Vida, revelou que ainda não foi possível encontrar um comprador.

Francisco Bandeira sublinhou que “têm sido sinalizados vários interesses” no banco e que por isso considera que a venda é o melhor caminho. Frisando que “ainda não está definido” se o cenário escolhido será efectivamente a venda, Bandeira disse que as várias manifestações de interesse são de instituições nacionais e estrangeiras. E sublinhou que a rapidez de resposta do banco e dos seus colaboradores nos últimos

meses faz com que “seja mais atractivo”. |





JORGE FERREIRA

## Os partidos sabem o que fazem

"TODA AGENTE estava interessada em nós. Tudo era belo e novo, votávamos resoluções altamente simbólicas que atraíam a atenção dos media. Na verdade, não tínhamos poder nenhum. Hoje, os meus sucessores vivem a situação inversa. O PE trabalha em questões de fundo e tem poder, mas já não atrai as atenções." Assim se lamentava Simone Weil no *Journal du Dimanche*, no passado fim de semana, da situação de alheamento e desinteresse que a maioria dos cidadãos nutre pelo Parlamento Europeu, ao ponto de ser crescente a taxa de abstenção nas respectivas eleições, a qual, de resto, em Portugal é superior à da média comunitária.

Simone Weil esqueceu-se de dizer o óbvio. Nos primeiros tempos toda a gente percebia e entendia claramente a Europa. Hoje, nenhum percebe e entende, ao ponto de Vital Moreira, esse génio académico da complexidade tratadística, nos considerar a todos excessivamente ignorantes e ineptos para votar sim ou não num referendo a um Tratado.

É que a União, entretanto, tornou-se perigosa. Tem muitíssimo mais poder e quanto mais poder tem mais complexa, mais distante dos cidadãos, mais incompreendida e contestada é. Tornou-se uma espécie de pintura abstracta sem significado, sem sentido, sem norte, sem objectivo e sem democracia.

A suspensão dos debates quinzenais de José Sócrates na Assembleia da República, uns sopapos numa manifestação da CGTP, os lares de idosos, feiras de queijo, Robin dos Bosques e o Xerife de Nottingham na agricultura, a roubalheira no BPN, as acções de Cavaco Silva na SLN, as cartas de Vítor Constâncio, tudo isto e muitos mais assuntos momentosos constituíram a agenda da campanha eleitoral que ora termina e que, para quem ainda não percebeu, visa eleger deputados portugueses para o Parlamento Europeu.

Havia muita coisa que interessava saber da parte de quem se propõe representar, em primeira instância, o seu país, que os elege e, quando vota, lhe dá mandato de confiança da representação política. Daí que a primeira palavra dos candidatos devesse ser sobre como tencionam, se é que tencionam, compatibilizar o interesse da União Europeia com o interesse de Portugal, como imaginam organizar no exercício do seu mandato a conciliação entre a federação europeia e o interesse nacional. Quem deve mandar mais e em que domínios? Para qual das duas comunidades, a nacional e a europeia, vai a sua leal-

dade política primeira? Defendem mais integração política ou defendem menos, e em que matérias, com que competências, com que custos financeiros?

E poderíamos continuar com as decisões instrumentais relativas ao projecto que é suposto terem. São a favor ou contra a recondução do alto funcionário Durão Barroso na Comissão Europeia e para fazer concretamente o quê? São a favor ou contra a entrada do gigante muçulmano turco na União e em caso afirmativo para quando? São a favor ou contra a criação de um exército europeu, abdicando dessa forma da protecção do chapéu de chuva militar norte-americano nas horas de aperto?

Havia, pois havia, mas não houve.

Os partidos discutiram tudo, menos aquilo sobre que serão chamados a decidir no Parlamento Europeu. Mas, caros leitores, os partidos são inteligentes e sabem o que fazem. Sabem muito bem que uma vez com o lugarzinho garantido e devidamente instalados em Bruxelas e Estrasburgo não terão direito à opinião, muito menos à decisão dessas matérias. Quem decide são os partidos multinacionais e federalistas europeus onde os supostamente portugueses partidos concorrentes ao parlamento Europeu se integram. O Partido Socialista Europeu e o Partido Popular europeu é que mandam. O PS, o PSD e o CDS são meros figurantes para engrossar o número.

A verdade é que a maioria dos deputados eleitos cá chegam lá e votam de acordo com os mandamentos das multinacionais partidárias europeias em que se integram. E aí, o PS no PSE e o PSD e o CDS no PPE, riscam pouco ou nada, tendo que se submeter às decisões que outros tomam por eles. É por isso que se explica que os partidos, na campanha que hoje termina, tenham fugido a sete pés de falar de assuntos europeus. Não querem passar pela vergonha de serem confrontados com o que disseram na campanha no momento em que a obediência ditar posição oposta na hora de votar no frio e distante hemiciclo de Estrasburgo.

É, pois, justíssimo o desprezo com que são tratados lá fora e o desinteresse com que os eleitores os premeiam nas eleições para o Parlamento Europeu cá dentro. Para combater a abstenção é preciso que sejam os partidos e os candidatos os primeiros a mudar a sua atitude servil na Europa e o seu comportamento político em Portugal. Não é seguro que tenham percebido isso, muito menos que estejam pelas ajustes. |



# Blogue

Qui 28

## Alexandra, Cadilhe e Constâncio

**ALEXANDRA.** Um caso que tem apaixonado uma opinião pública hiper-sensibilizada por uma longa e penosa crise económica, social e de confiança nas instituições.

Importa introduzir na lei o «superior interesse da criança» – conforme petição que, aliás, também subscrevi, dirigida ao Parlamento – para esbater critérios rígidos susceptíveis de injustiça. Cumpre apurar até que ponto um tribunal de recurso deve poder rever decisão de 1.ª instância com base em exclusivo conhecimento documental dos factos. Há que reflectir sobre a humanidade, mas, também, os riscos de, por sistema, os juizes comentarem, nos *media*, as suas decisões, inclusive reconhecendo erros totais ou pontuais.

Justiça e confiança na Justiça subiram, finalmente – pelas más razões – ao topo das prioridades (emocionais) dos portugueses.

**MIGUEL CADILHE.** Que 10 milhões é muito, num país como Portugal, parece-me evidente. Como já me pareciam – e disse-o – uma loucura os vencimentos e prémios de um BCP (entre outros) antes da crise. Duvido é que seja legalmente possível anular o contrato entre BPN (ou SLN) e Miguel Cadilhe.

**VÍTOR CONSTÂNCIO** perdeu a serenidade no Parlamento. É cada vez mais evidente que, passada a fase aguda da crise, o país ganharia com a substituição. Sem estar em causa

o que lhe deve, no Governo, no Banco de Portugal e no PS. A questão é outra: falta-lhe, agora, a credibilidade política para os desafios do futuro.



**FIM** de ano lectivo para doutorandos e mestrandos (só faltam três aulas). Jantar com mestrandos. Na Churrasqueira (totalmente remodelada). Brasileiras, esmagadoras. Algumas com pais e namorados (brasileiros). Cariocas a dominarem.



Sex 29

## ‘Sangue’ e ERC



**‘SANGUE.’** É o que as portuguesas e os portugueses querem hoje... Bodes expiatórios para o mal-estar que sentem perante a crise. Políticos, claro, primeiro. Banqueiros e empresários, a seguir, o que os casos BCP, BPN e BPP facilitaram. Depois, jornalistas, juizes, procuradores, treinadores, jogadores...

É um fenómeno natural e que alguns dos visados alimentam. Mesmo sem disso terem a noção. Reequilíbrio, precisa-se. Mas não será simples sem os primeiros sinais sólidos de recuperação económica e social.

**ERC** contra o *Jornal Nacional* de 6.ª feira da TVI. Uma semana depois do episódio que circulou no YouTube (e que, finalmente, vi, parcialmente embora, uma vez que o YouTube não o reproduz por inteiro). Já aqui o tinha escrito: *TVI* e, em particular, Manuela Moura Guedes não escondem posicionamento frontalmente contra Sócrates, PS, Governo, Freeport (como, há muito, contra arguidos do caso Casa Pia). Marinho Pinto, por coincidência, está em posição oposta quanto a Casa Pia, Freeport, Sócrates (e, em muitos domínios, PS e Governo). Ainda por cima, o choque é idêntico quanto à Ordem dos Advogados. Logo, houve a ‘faísca’ óbvia e inevitável. Qual a surpresa?

Outra questão é saber se Manuela Moura Guedes faz notícia ou opinião. A distinção é cada vez mais difícil. Mas, a meu ver, é patente que faz opinião, embora baseada em notícias. E é boa ou má opinião? Uns gostarão. Outros não. Para mim, é legítima (se assumida editorialmente), mesmo se duvido da sua eficácia quando é persistente e aguerrida de forma sistemática. Isto é, não sei se, a partir de certo instante, a eficácia não se esbate por esse excesso. Agora, fazer, como faz a ERC, um juízo sobre a forma de exercício da liberdade de informação, ademais sem ouvir a *TVI* e a própria, antes de a condenar, é jurídica e deontologicamente censurável.



Sáb 30

## Três gerações e Obama

**RENDER DA GUARDA.** Casa-se, hoje, em Caíde (Lousada), a filha mais nova de meu irmão António e minha afilhada Mafalda. Com um colega de advocacia, Bruno. E, com este casamento, como que sinto que há um render da guarda que se opera... Um filho e quatro sobrinhos já casaram e os netos e sobrinhos-netos são já sete. Uma filha e um sobrinho vivem felizes sozinhos, como tantos outros jovens hoje.

Quase quarenta anos depois, é uma nova geração que afirma as suas escolhas pessoais, familiares e profissionais – todos tendo completado os estudos académicos (e alguns tendo-os complementado com MBA) e iniciado a vida laboral.

Todos diferentes entre si. Todos motivo de orgulho familiar. Como não felicitar, desta feita, o irmão António e a cunhada Mariazinha? E como não agradecer àqueles que já não estão presentes, mas foram os grandes obreiros desta saga familiar: a mãe Maria das Neves e o pai Baltazar? Ela, órfã de pai e mãe desde o nascimento, e ele, órfão de pai aos quatro anos, souberam proporcionar a filhos e netos a vida familiar que não tinham tido...

**BEETHOVEN.** Ontem, 1.ª e 9.ª *Sinfonias*. Na Fundação Gulbenkian. Uma despedida em grande da maratona beethoveniana.

**CARLOS CANÁRIO.** Praia, ontem. Dirige-se-me e apresenta-se. É o ‘célebre’ capitão do Sp. Braga, na vitória da Taça de Portugal, em 1966. Contra o V. Setúbal. Golo de Perrichon a ‘aquecer’ o Jamar. Caimos nos braços um do outro. Lá estive, *teenager* braguista, nessa jornada memorável. Confessou-me Canário que de Braga guarda as saudades do clube e a mulher – que lá conquistou e que, também ela, continua uma indefectível adepta. Mais de 40 anos volvidos.

**HUGO CHÁVEZ.** Começou quinta-feira e acaba amanhã o seu programa televisivo-propagandístico.

Ininterruptamente. Chama-se *águila* democracia?

**DOIS BONS EXEMPLOS** de Obama. Nomeou embaixador em Pequim destacado político republicano, cheio de futuro. E, juíza do Supremo Tribunal Federal, mulher hispânica com longa carreira judicial e votada por muitos republicanos na sua última designação.

**UM MENOS BOM.** Dificuldade em impor respeito à Coreia do Norte. À espera de uma ajuda chinesa?



Dom 31

## Europeias ao rubro

**PONTA FINAL** da campanha eleitoral. PS subiu um pouco. Mas PSD pode ganhar. A CDU passou, numa ou noutra sondagem, o BE, mas este pode batê-la. O CDS aguenta firme em valores próximos dos habituais. Tudo vai depender destes quatro próximos dias. Sexta é festa. Sábado, reflexão. Quatro dias que poderão decidir quase tudo – europeias e legislativas. Só as autárquicas fugirão a essa lógica. Razão de sobejo para a aposta integral! De todos os lados. Setembro-Outubro começam dia 7.

**FRANCISCO LOBATO.** O navegador intrépido. Reapareceu, em grande forma. Agora, o patrono é a TMN.





Marcelo Rebelo de Sousa



Ter 2

# Netos, advogados e eleições



Seg 1

## Bancos alimentares

**SOLIDARIEDADE.** Não é palavra vã. Vi, ontem, ao fazer algumas compras para o começo do mês. E confirmei, depois, em termos nacionais: mesmo em crise aguda, as portuguesas e os portugueses souberam corresponder ao apelo dos quinze Bancos Alimentares contra a Fome. E duplicaram os donativos de 2008. Que bem precisos são para quase duas mil IPSS ajudadas e 300 mil apoiados directos e mais 700 mil a necessitar de urgente conforto mediato. Tudo com milhares e milhares de rostos que fazem esta obra. E um rosto especial: Isabel Jonet.



**CUSTÓIAS.** Há quatro meses com os fornos avariados. A comida é feita ao lume e mantida em banho-maria. Ou vai de casa. Das famílias dos presos. Portugal-2009.

minutos. Vinte minutos de espera dentro do avião. Pelo autocarro. Arrancamos e cruzamo-nos com outro. Vinha para o mesmo serviço. Portugal-2009.



**TAP-ANA.** Ontem, Porto-Lisboa em 28

Qua 3

# Votar – como? e Portugal-2009

**VOTAR – COMO?** Dia 7, serei dos 33% a 38% a votarem nas europeias. Nunca falhei. Nem doente. Não votar é deitar fora um direito e perder autoridade moral para criticar os eleitos e os seus mandatos.

Votar – em quem? Em 34 anos de eleições, votei sempre PSD ou coligações por ele encabeçadas ou candidatos por ele apoiados. Salvo Mário Soares em 1986. Aí, recusei todos os candidatos, votando branco. Desta feita, votarei PSD. Convictamente. Teria preferido Marques Mendes e outra lista. Mas reconheço que Paulo Rangel foi um magnífico candidato e com muito menos ajudas do que merecia. Também por isso merece o voto. Mas junte-se-lhe ainda: a recusa clara a Sócrates e a Vital; que Manuela quis ser líder em fase política difícil e tem de sentir o apoio no voto já nestas europeias; a noção de que o PSD pode ganhar e um resultado agora menos bom tem efeitos nas legislativas, podendo abrir caminho a preocupante crise interna e no sistema de partidos nacional. **P. S.** – Vital voltou à carga com o BPN e o PSD. Pena ninguém lhe ter ouvido a mesma ênfase quando o seu idolatrado José Sócrates foi elogiado, em lançamento de biografia, por... um dos 'nefandos' PSD do tal banco de que, agora, tanto fala...



**PORTUGAL-2009.** Desafios e bloqueamentos. Ciclo organizado pelo Instituto de Estudos Políticos. De João Carlos Espada. Por lá passarão vinte palestrantes, de Adriano Moreira a Constâncio, de Pacheco Pereira a Pulido Valente, de Rui Ramos a César das Neves e a Vitorino. E por aí adiante. Ontem foi a minha vez. Debate vivo e estimulante. Depois de amanhã, irei a Fátima, debater 'Liberdade' com D. Manuel Clemente, e sábado a Setúbal, discutir a actualidade de S. Paulo com milhar e meio de jovens. Semana cheia (mais uma).

**TRAGÉDIA.** A do avião da Air France, Rio-Paris. Ao pé dela, muito do resto fica a ser pouca coisa.



**ROGÉRIO ALVES** num longo e às vezes repetitivo debate, conseguiu ganhar, na televisão, ao supertelevisivo Marinho Pinto. Os demais são quase pré-televisivos. Grande perdedora: a Ordem. Até eu, não advogado, sofri por ela.



# Cavaco esclarece caso SLN

**O Presidente da República nega ter escondido ligação à SLN e queixa-se ainda de prejuízos**

«RECENTEMENTE foi noticiado que eu tinha tentado esconder que da minha carteira de títulos e da minha mulher faziam parte acções da SLN (Sociedade Lusa de Negócios). Não é verdade. E se eu digo que não é verdade é porque estou perfeitamente seguro que o posso dizer».

O Presidente da República, Cavaco Silva, reagiu assim, esta quarta-feira, à notícia de «um jornal de fim-de-semana» (o *Expresso*), segundo a qual não revelara todos os pormenores da sua ligação à SLN (proprietária do BPN). O Presidente salientou que o investimento nesses títulos foi gerido pelo BPN, um dos quatro bancos a quem entregou as suas poupanças quando ele e mulher, Maria Cavaco Silva, eram professores.

«Quem diz que procurei ocultar que da carteira de títulos minha e da minha mulher faziam parte acções da SLN não está a

dizer a verdade ou então não soube ler o comunicado que eu fiz», declarou o chefe de Estado, garantindo: «Sou muito escrupuloso no cumprimento da lei e por isso declaro tudo». O Presidente acrescentou ainda que tem sofrido prejuízos consideráveis: «Estamos a perder muito, muito dinheiro. Boa parte das nossas poupanças estão desaparecidas».

Em reacção, o semanário *Expresso* alegou: «Cavaco Silva sempre se recusou a assumir ter comprado ou vendido acções da sociedade que controlava o BPN. Na verdade, a primeira vez que o fez foi nesta curta declaração». Cavaco vendeu, em Novembro de 2003, as 105.378 acções que tinha da SLN por 2,4 euros cada, tendo obtido ganhos de 147,5 mil euros. Na mesma altura, também a sua filha Patrícia foi uma pequena accionista daquela sociedade, tendo vendido 149.640 acções pelos mesmos 2,4 euros, lucrando 209,4 mil euros.





CAMPANHA

Europeias A UE foi nota de rodapé numa campanha que não evitou a política nacional

# Do Freeport ao BPN

Texto ÂNGELA SILVA e CRISTINA FIGUEIREDO  
Ilustração HÉLDER OLIVEIRA/WHO

Em catorze dias de campanha para as eleições europeias, José Sócrates participou em nada menos do que sete comícios. E ao contrário de outros chefes de Governo (como o italiano Berlusconi) nem é cabeça-de-lista. As razões por que o fez não têm tanto que ver com o facto de Vital Moreira se ter revelado pior candidato do que se previa — e exigir contínuo *damage control* por parte do líder socialista. Explicam-se sobretudo porque Sócrates continua a ser o melhor trunfo eleitoral de si próprio e há eleições (a sério) para ganhar... daqui a três meses.

Perante a ameaça de *tsunami* que o 'caso Freeport' representava há apenas umas semanas, Sócrates atirou-se de cabeça, objectivamente aproveitando o facto de a sua principal adversária não estar disposta sequer a molhar os pés na polémica. "Sempre que ele aparece a campanha ganha outro vigor e até dignidade", comentava esta semana o insuspeito Pedro Marques Lopes. Sócrates envergou a farda de candidato a primeiro-ministro e não a despe antes do sufrágio de Setembro.

Já Manuela Ferreira Leite acompanhou Paulo Rangel em cinco ocasiões, menos do que as que chegaram a estar previstas. E o efeito foi contrário ao de Sócrates: sempre que Manuela entrou em cena, a campanha baixou de tom. O único comício da líder do PSD — em Barcelos, no passado fim-de-semana — deixou o partido deprimido e com uma profunda dúvida existencial: como é que Manuela aguenta o duelo com Sócrates nas legislativas, constata-se a sua falta de jeito (e de treino) para o que chama "política-espectáculo" mas para a qual não encontrou um registo alternativo à altura.

A líder do PSD não conseguiu mobilizar o partido (tirando a incansável JSD, faltou gente, entusiasmo e política na campanha social-democrata) e, pior, não conseguiu defendê-lo. Tírbulo a gerir o efeito BPN, que um inesperado *killer instinct* do PS puxou para a ribalta, Manuela deixou o PSD à deriva. Nem atcou Constando, nem descolou de Loureiro, nem ameaçou ter lama para também deitar na ventoinha. Indignou-se, ponto final: "A nossa força está em não lhes responder, em mostrar que somos diferentes e que não fazemos política dessa forma".

Paulo Rangel, que foi a surpresa na pré-campanha, com vantagem sobre Vital, viu-se subitamente sozinho e sem discurso à altura do inesperado *upgrade* no combate. O duelo dos chefes, decididamente, esmoreceu o PSD.



Veja o dossiê sobre o tema  
[www.expresso.pt/portugal2009](http://www.expresso.pt/portugal2009)

## PS segura votos BE lidera no protesto

## Portugal 09

Vital Moreira consolida a vitória a 4 pontos de Rangel. À esquerda, o Bloco mostra-se mais eficaz na captação do voto de protesto

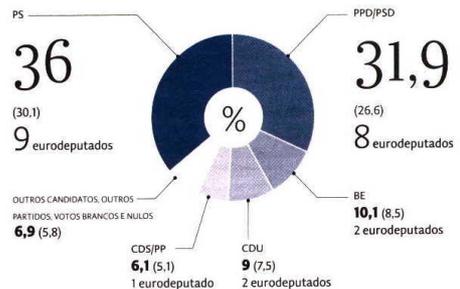
Quem vaticinava uma campanha marcada pelo efeito do 'caso Freeport' não imaginava que seria o BPN a perturbar o final de campanha. Mas é pouco provável que um ou outro assunto tenha responsabilidade substancial nas alterações das intenções de voto. Pelo menos assim revela a sondagem: o PS, tendo sido o único partido que registou subidas nas três sondagens, não conseguiu crescer mais do que 1,7%, assinalando nesta última a maior distância (4,1%) relativamente ao seu adversário directo, o PSD.

Também os sociais-democratas, que na primeira sondagem registaram o resultado mais próximo do PS (diferença de 2,2%), não tiveram grandes oscilações. Apesar do seu melhor resultado se ter verificado na segunda sondagem (32,5%) viam o PS distanciar-se para 3%. Fixam-se agora nos 31,9%, registando a maior diferença (4,1%) relativamente ao seu adversário directo. O desempenho do candidato Vital Moreira parece ter sido o mais regular.

O panorama à esquerda do PS não é muito diferente. O Bloco de Esquerda repete a percentagem de intenções de voto que tinha registado na sondagem da primeira

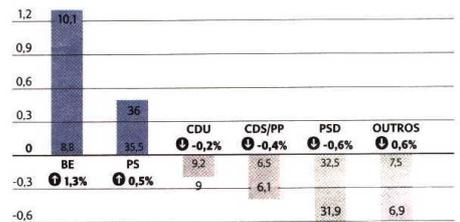
### INTENÇÃO DE VOTO NAS EUROPEIAS

Projeção feita presumindo que os inquiridos que responderam "Não sabe" / "Não responde" (16,4%) se abstêm. Entre parêntesis: resultado global



### VARIACÃO FACE À SONDAÇÃO ANTERIOR

Alteração na projeção (%) de votos face à sondagem publicada na última edição do Expresso (30.05.2009)



**FICHA TÉCNICA** O estudo de opinião efectuado pela Eurosondagem, S.A. para o Expresso, SIC e Rádio Renascença, de 31 de Maio, 1 e 2 de Junho de 2009. Entrevistas directas e pessoais, com voto recolhido em urna. O universo é a população com 18 anos ou mais, residente em Portugal Continental. A amostra foi estratificada por região e aleatória no que concerne ao sexo e faixa etária. Foram efectuadas 2361 tentativas de entrevistas e destas, 328 (13,9%) não aceitaram colaborar no estudo de opinião. Foram validadas 2033 entrevistas, correspondendo a 86,1% das tentativas realizadas. O erro máximo da amostra é de 2,17%, para um grau de probabilidade de 95%. Um exemplar deste estudo de opinião está depositado na Entidade Reguladora para a Comunicação Social.

semana de campanha, com uma quebra de 1,3% na segunda, valor recuperado nesta última registado das intenções de voto.

E, se na segunda sondagem a troca de posições entre a CDU e o Bloco caíram dentro da margem de erro, o mesmo se verifica agora, com o BE a recuperar a terceira posição no espectro político-partidário. É, apesar de tudo, um resultado que permite constatar ser o Bloco o mais beneficiado com o voto de protesto reivindicado à direita e à esquerda. É também o partido que mais cresce relativamente a anteriores actos eleitorais.

Já o CDS foi, ao longo das três semanas, recuando nas intenções de voto, aparentemente indiferente às oscilações do partido (PSD) que poderia canalizar o seu eleitorado. Mas este partido queixa-se do facto de ser, por tradição, o mais prejudicado pelas sondagens.

A grande incógnita permanece a percentagem de abstenções. Recorde-se que na primeira sondagem os indecisos representavam 21,9% dos inquiridos e na segunda já só 19,2%. Nesta sondagem não são mais do que 16,4%.

HUMBERTO COSTA  
hmcosta@expresso.imprensa.pt

### Comentário

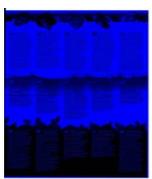
Por Rui Oliveira e Costa

## A ABSTENÇÃO — A MINHA INIMIGA

A Eurosondagem efectuou para o Expresso, SIC e Rádio Renascença, três estudos de opinião sobre intenção de voto para as eleições Europeias. Tiveram metodologias, universos e amostras diferentes. Os dois primeiros estudos foram realizados pelo telefone, e este último com voto em urna. A segunda sondagem teve uma amostra ligeiramente maior (2.525) para se abrangem as Regiões Autónomas. Os indecisos foram baixando, passando dos 21,9%, para 19,2% e para 16,4%. O PS esteve sempre à frente e

alargou ligeiramente a diferença face ao PSD, que se manteve estável, tal como a CDU. O BE oscilou entre o 3º e o 4º lugar, e o CDS/PP desceu umas décimas. Os partidos sem representação parlamentar bem como os votos brancos ou nulos terão uma percentagem superior ao normal. A distribuição dos 22 eurodeputados parece ser clara, face às respostas dos inquiridos. O problema é a abstenção. Só sabemos que será muito elevada, mas quanto? Vários factores, inclusive meteo-

rológicos, irão ter influência. As campanhas partidárias não foram muito esclarecedoras sobre os poderes do Parlamento Europeu e a sua influência sobre a vida dos cidadãos. Não contribuíram muito para a participação eleitoral. Arrisco uma previsão: em eleições Legislativas é razoável estimar 6 milhões de votantes. Nestas eleições Europeias auguro metade. Os outros 3 milhões ficarão a assistir. E isto faz toda a diferença face a eleições Legislativas e torna as sondagens sobre eleições Europeias um exercício de elevado risco.



**+** O melhor que pode acontecer ao PS no próximo domingo resume-se a uma palavra: ganhar. Claro que, quanto maior a vantagem sobre o adversário, tanto melhor. A dimensão da festa será proporcional ao resultado, o que explica porque não se encontra um socialista que embaie em arco, mesmo que animado pelas últimas sondagens: prudentemente, há que manter a fadiga baixa — até porque os estudos de opinião não conseguem prever a dimensão da abstenção nem os seus efeitos sobre os dois maiores partidos. Ninguém sonha obviamente em reeditar os 44,5% obtidos em 2004. Alcançar mais um deputado do que o PSD (como enunciou Vital Moreira esta semana) chega para cantar vitória. E esta, maior ou menor, servirá ao PS para não arrumar as chuteiras e prosseguir o jogo até à próxima eliminatória, as legislativas de Setembro. **C.F.**

**+** O único resultado que livra o PSD dum beco sem saída é a vitória no domingo. Com o país em crise, os eleitores de tanga, o Governo em desgaste e o Freeport no ar, ganhar as europeias é a obrigação do maior partido da oposição, como não se têm cansado de lembrar gradas figuras da família social-democrata. Teoricamente, se as eleições intercarares servem para enviar cartões amarelos aos Governos, o PSD devia até ganhar folgadoamente. Mas tendo em conta que o partido continua em convalescença (o seu último resultado eleitoral foram os sofridos 28% de Santana) e que do outro lado está um animal feroz, já ninguém lhe pede tanto. Ganhar inequivocamente é ter mais votos e eleger mais deputados do que o PS. Ganhar com direito a segundas leituras é ter mais votos e o mesmo número de deputados que os socialistas. **À.S.**

**+** A CDU construiu a onda, ao colocar, na abertura da campanha, 85 mil apoiantes na manifestação de Lisboa. E continuou a privilegiar a acção de rua, na expectativa de se tornar o herdeiro principal do voto de protesto. Ilda Figueiredo contou com apoios de peso. Desde logo o secretário-geral do seu partido, cuja simpatia é uma mais-valia no trabalho de rua. Mas também as presenças dos líderes da CGTP e da Fenprof. O apoio explícito dos dois sindicalistas tendem a funcionar como guia para o voto de protesto. A CDU percebeu a dificuldade de beneficiar directamente do eleitorado PS descontente e, por isso, combatu a resignação que pode redundar em abstenção. Uma percentagem superior à de 2004 (9,09%) será uma vitória para um ano de várias corridas às urnas. Sobre tudo se manteve o estatuto de terceira força política. Ficar à frente do Bloco é fundamental. **H.C.**

**+** As diversas sondagens talvez justificassem alguma euforia. Afinal, duplicar a votação e o número de deputados e passar a ser a terceira força política nacional é uma vitória assinalável. As melhores expectativas apontam mesmo para um resultado que pode chegar aos três deputados, isto é, triplicar a percentagem de votos e de mandatos alcançados em 2004. Este cenário é o que melhor se enquadra no discurso do Bloco de Esquerda, que assenta num projecto bem mais ambicioso: atrair o eixo do poder para a esquerda. Com as legislativas daqui a três meses, um resultado destes seria um excepcional ponto de partida. E não é indiferente ser o terceiro ou quarto partido mais votado. Assumir-se com o destinatário dos eleitores descontentes com a actual governação seria a cereja no topo do bolo dos bloquista. Ficar à frente da CDU é importante e histórico. **H.C.**

**+** Houve um momento (breve, muito breve) em que alguns dirigentes do CDS sonharam com a eleição de três eurodeputados. Nuno Melo estava em alta no inquérito ao BPN, o PSD estava em baixa em todo o lado, e o CDS tinha posto "a carne toda no assador" (como então dizia um responsável do partido) ao candidato dos três rostos mais conhecidos (à excepção de Portas). Passou depressa. Paulo Rangel entrou em cena, abocanhou os temas do CDS e obrigou a recalibrar expectativas: o melhor resultado realista é manter dois deputados. Se o conseguirem, Portas e Melo suspiram de alívio. Ambos põem em jogo o seu futuro político, sobretudo Portas, que é o responsável pela lista e foi o verdadeiro motor da campanha. Mantendo os dois deputados, o que implica crescer em relação aos 8,1% de 1999 (última vez que o partido foi sozinho às europeias), de certeza haverá festa rija no Caldas. **F.S.C.**

**+** Ainda que o politicamente correcto mande dizer que "por um se perde, por um se ganha", é irrelevante para o PS obter mais um ou menos um voto do que o PSD nestas eleições desde que... alcance pelo menos o mesmo número de deputados. No tabuleiro em que se jogam as próximas legislativas — o verdadeiro campeonato detrás desta "primeira volta" —, esse será o único cenário que não muda nada. Haverá sempre a abstenção para responsabilizar pela falta de clareza dos resultados de domingo e todo um Verão pela frente para recuperar os votos perdidos. **C.F.**

**+** Ficar na mesma, no caso do PSD, significa livrar o partido de ter que apear a líder a três meses das legislativas. Se perder por poucos Ferreira Leite aguenta-se, e perder por poucos — admitem dirigentes e opositores — é ficar, no limite, a três, quatro por cento do PS. Será uma derrota que não augura nada de bom para o partido nas legislativas. E as dificuldades sentidas nesta campanha para mobilizar as hostes sociais-democratas tenderão a agravar-se. Mas Manuela já disse que não tencionava existir, acontece o que acontecer no domingo. E se é certo que uma hecatombe teria o efeito de uma bomba, uma derrota por pouco permite-lhe seguir em frente. Para o abismo? Eis a questão que angustia o PSD. **À.S.**

**+** Igualar a votação de 2004, não sendo uma derrota, não justificará grandes festejos. No auge da constatação ao Governo, não conseguir crescer, ainda que apenas em termos percentuais, já que os dois eurodeputados são assegurados por todas as sondagens, não augura nada de bom para um partido que vai ter de enfrentar mais duas eleições. A verdade que "a constatação de rua nem sempre se traduz em voto nas urnas", afirmou por diversas vezes Jerónimo de Sousa. Mas, daí uma campanha centrada no objectivo de "levar a constatação à mesa de voto", também defendeu o líder comunista durante a campanha. Não cumprir essa meta, ainda que mantendo os mesmos eurodeputados (2), seria uma decepção não só para o PCP como para o movimento contestatário. Apenas mitigada na eventualidade de se manter como a terceira força partidária. **H.C.**

**+** Eleger mais um eurodeputado é um cenário que merecerá sempre festejos dos bloquistas. Mas será uma vitória relativa caso mantenha a quarta posição no espectro partidário, atrás da CDU, e o PS tenha um resultado razoável. A atenção dispensada pelo PS ao Bloco, colocando este partido quase no patamar do PSD, indica que os socialistas sabem que o partido de Louçã é uma das maiores ameaças à renovação da maioria absoluta. Impedir essa maioria é mesmo o maior objectivo do Bloco, que precisam, pelo menos de um crescimento médio, para que as Europeias sirvam de "trampolim" para as legislativas. **H.C.**

**+** Pode haver um resultado assim-assim para o CDS? Sendo um partido democrata-cristão, podemos pôr as coisas desta forma: três deputados seria o paraíso; zero o inferno. Um deputado é o mais parecido com o purgatório, desde que a percentagem eleitoral permita ao CDS dizer que ficou à beira de eleger o segundo. Na verdade pode chegar para fazer a festa — o CDS dirá que derrotou as sondagens, que susteve a queda que lhe vaticinavam, que... Tudo depende da imaginação retórica na noite eleitoral. **F.S.C.**

**-** Ter um resultado inferior ao do PSD, ao ponto deste o ultrapassar em número de eurodeputados, é o cenário de que o PS não quer nem ouvir falar. Já lhe basta ter de lidar com a inevitabilidade da perda de mandatos em relação à legislatura anterior (a nova composição do Parlamento Europeu retirou dois deputados a Portugal e portanto manter os 12 conquistados em 2004 é uma missão matematicamente impossível para o PS) e com a comparação, necessariamente desfavorável, com os 44,5% de votos de há cinco anos — um dos melhores resultados eleitorais de toda a história do PS, só ultrapassado pelos 45% que Sócrates conseguiu nas legislativas de 2005. A três meses de eleições gerais, ficar atrás do PSD, cenário que traria a euforia aos social-democratas e um inesperado balão de oxigénio à liderança de Manuela Ferreira Leite, seria mesmo o pior que podia acontecer ao PS. **C.F.**

**-** O pior para o PSD seria sair das eleições de domingo directamente para uma nova crise interna e há um cenário em que isso é fatal como o destino: ficar abaixo dos 30%. A distância do PS seria, nesse caso, insuportável e os críticos da líder teriam que dar o corpo ao manifesto. Pedro Passos Coelho disse várias vezes que o PSD está obrigado a ganhar as europeias mas prefere só agarrar o partido depois das legislativas — agora arriscava-se a ser o rosto de uma derrota com Sócrates em Setembro — e é dos que faz figas para que a hecatombe aconteça. Se acontecesse, Passos não ficaria só no assalto ao poder. Jardimista à espreita de uma oportunidade e com Rio ocupado com as autárquicas no Porto, dificilmente arranjará momento melhor. Mas a turbulência máxima não é o cenário mais pro-amorfo e tristonho (ou "tesinho", como diz Marcelo), o PSD de Manuela prepara-se para continuar a resistir. **À.S.**

**-** Para quem conseguiu encher as ruas de Lisboa e contou com o apoio de Carvalho da Silva e Mário Nogueira será decepcionante não traduzir em votos essa mobilização. Com base nas sondagens, o risco de vir a ter uma votação pior à alcançada em 2004 não está fora dos horizontes da CDU. Uma derrota de terror é mesmo poder ser ultrapassado pelo BE. Este panorama representará uma derrota, mesmo que mantenha o número de eurodeputados (2) eleitos em 2004. Ter o Bloco à frente obrigará o PCP a repensar toda a estratégia eleitoral para as legislativas. E representa um abalo psicológico no PCP. **H.C.**

**-** O pior dos cenários do Bloco é simples: não crescer o suficiente para ultrapassar a CDU e eleger apenas um eurodeputado. Seria catastrófico para um partido que testa também, nesta corrida às urnas, a sua capacidade de atracção sobre os eleitores socialistas descontentes. Seria muito mais do que perder uma batalha. Seria ter de refazer toda a estratégia de guerra. Se, além disso, o PS ganhar as eleições com uma margem relativa, a desgraça seria total. Um pesadelo que ninguém antecipa no Bloco, mas que não é impossível num partido que ainda tem uma base eleitoral muito flutuante. **H.C.**

**-** O cenário de pesadelo seria não eleger qualquer eurodeputado, como indicam algumas sondagens. Não seria a primeira hecatombe da era Portas: em Lisboa, as sondagens que punham o CDS fora da Câmara foram sempre desvalorizadas... Nesse caso, o mais provável será a demissão de Portas na noite eleitoral — já uma vez esteve à beira de o fazer (autárquicas de 2001). Ficar fora do PE seria a morte de Portas e do "portismo". Mas mesmo a perda de um deputado será difícil de digerir, pois Portas voltou com o argumento de que o CDS estava a encolher com Ribeiro e Castro. A eleição de apenas um deputado seria comprometedora para Nuno Melo (e sinal de que o desempenho na comissão de inquérito ao BPN não chega como argumento eleitoral), mas sobretudo para o líder do partido — afinal, esta é uma eleição que favorece o voto de protesto, num momento difícil para o Governo e em que o PSD não descola. Se o CDS não crescer agora, cresce quando? **F.S.C.**





# Sondagem PS à frente e Bloco bate PCP

**Portugal** Nos últimos dias o Partido Socialista alargou ligeiramente a vantagem que conquistou ao PSD com a entrada de José Sócrates na campanha eleitoral. No estudo da Eurosondagem, realizado para o Expresso, SIC e Rádio Renascença, os socialistas recolhem 36% das intenções de voto contra 31,9% do PSD. Uma vantagem que permite a eleição de nove eurodeputados ao PS contra oito do PSD. Ao longo da campanha o PS manteve

uma ligeira tendência de subida, com o PSD sempre muito perto.

O Bloco voltou esta semana a ultrapassar a CDU na corrida ao terceiro lugar, depois de uma ligeira descida. O CDS, partido que mais se queixou das sondagens durante a campanha, garante a eleição de Nuno Melo, mas terá de subir muito para sentar um segundo deputado em Bruxelas.

O grande inimigo dos partidos (e também das sondagens) é, uma vez mais, a elevada abstenção. **P4**



# O ARCO E A FLECHA

## Navio fantasma, concha vazia

**U**M PEQUENO livro acabado de sair, *L'Europe contre l'Europe* (ed. Hachette), é porventura a síntese mais inspirada que encontrei recentemente sobre as razões do impasse a que chegou a Europa e do clima de indiferença generalizada em que decorrem as eleições para o Parlamento Europeu (PE). O seu autor, Olivier Ferrand, dirige um *think tank* político, Terra Nova, que se propõe ser um espaço progressista de debate de ideias a nível internacional.

Ferrand convida-nos a uma rápida viagem desde as origens históricas do sonho federalista europeu – muito anteriores à criação da CEE – até à actualidade e aos cenários previsíveis para o futuro. Mas a conclusão é, para já, inequivocamente desencantada, e Ferrand vê-se obrigado a apelar a uma nova geração europeia capaz de ultrapassar a quadratura do círculo.

Com efeito, se a história da Europa moderna se fez de crises sucessivas mas sempre superadas, esta é uma crise diferente de todas as outras e reflecte «a batalha que se trava desde o início dos anos 1990, em torno da mudança de natureza da construção europeia: a passagem da Europa económica de ontem à Europa política de amanhã». E o facto é que, entretanto, «a fé europeia se extinguiu no seio da quase totalidade dos governos».

**C**OMO se chegou até aqui? Ferrand conclui que, paradoxalmente, alguns dos mais notáveis protagonistas da aventura europeia no último meio século, como Monnet e Delors, não são também estranhos à engrenagem que produziu a crise actual. Para salvaguardar a dimensão política do projecto eu-

ropeu (uma dimensão federal, segundo os propósitos declarados dos 'pais fundadores'), sucederam-se as ambiguidades e os compromissos institucionais, técnicos e económicos que, afinal, o foram progressivamente descaracterizando.

Apesar de permitirem ultrapassar as crises periódicas da construção europeia, esses compromissos ilusoriamente pacificadores geraram mecanismos e situações de facto que paralisaram a dinâmica política, reduzindo-a muitas vezes a um mero formalismo democrático. Foi, no fundo, a Europa contra a Europa que dissolveu o seu centro de gravidade e a influência política que poderia (e deveria) assumir num mundo multipolar.

**N**UMA recente entrevista ao *Le Monde*, um ex-ministro dos Estrangeiros socialista, Hubert Védrine, conhecido pelo seu pragmatismo estrito, interrogou-se sobre o destino de uma Europa conformada a não existir como potência e ser «uma simples sucursal do sistema ocidental, um espaço passivo, uma grande Suíça onde será agradável viver, mas sem influência no curso dos acontecimentos». O cenário de uma 'Suíça europeia' é, de resto, o que resultará, segundo também Olivier Ferrand, da cristalização do actual *status quo*.

Védrine e Ferrand chegam, cada qual pelo seu lado, a um diagnóstico semelhante sobre o novo papel que a Europa e o seu modelo social poderiam ter num mundo que o neoliberalismo precipitou no abismo. «A crise global que atinge o planeta revalorizou fortemente o modelo europeu – escreve Ferrand. Se



VICENTE JORGE SILVA

**O grande tema final da campanha europeia do PS resumiu-se às ligações entre o PSD e o BPN. Mas não foi apenas em Portugal que a Europa apareceu como um navio fantasma, uma concha vazia**

deixarmos o mercado à deriva, ele produz estragos sociais, económicos, ecológicos, irreversíveis. Longe de se auto-regular, autodestrói-se. O sentimento geral é que, pelo contrário, as respostas se encontram na Europa, nos seus modos de regulação sociais-democratas, na sua preocupação de justiça social e de preservação do ambiente, na sua capacidade de trabalhar no quadro de uma cooperação multilateral». Só que – adianta Védrine –, na Europa, «a social-democracia quis de tal modo libertar-se dos absurdos do comunismo e da extrema-esquerda que foi longe de mais no outro sentido. De súbito, ideologicamente, ficou às avessas».

Mais um paradoxo: quando o terreno seria hoje politicamente favorável às posições da esquerda, esta mostra-se paralisada, enquanto a direita se apropria das teses que tradicionalmente combateu e recuperou a importância do papel do Estado e da regulação dos mercados. Paradoxo que culmina noutra, sublinhado por Ferrand e Védrine: a condescendência – ou a cumplicidade activa – dos partidos socialistas no poder com a permanência de Durão Barroso à frente da Comissão.

**N**UNCA as competências do Parlamento foram formalmente tão fortes como agora, mas a escolha do presidente da Comissão e dos comissários continua a depender dos arranjos governamentais ao nível do Conselho Europeu. Aconteça o que acontecer, essa escolha será estranha à relação de forças saída das urnas. E a composição política da Comissão pode até ser contrária à maioria política

do Parlamento. Não se trata apenas de défice democrático, mas de perversão da democracia.

Nestas condições, para que votam os cidadãos? E como convencê-los da utilidade do seu voto quando os governos nacionais são os primeiros a empenhar-se em demonstrar o contrário? A única alternativa que resta, de momento, como sublinha Olivier Ferrand, seria um 'golpe de Estado' parlamentar contra as prerrogativas governamentais que mantêm esta caricatura democrática. Mas quem se arriscaria a levá-lo a cabo, a não ser como expressão de uma rebeldia quixotesca?

Isto explica porque é que as campanhas para as eleições europeias foram dominadas quase exclusivamente por temas nacionais (e paroquiais). E também porque é que o camaleónico Durão Barroso, símbolo de um neoliberalismo defunto e da actual impotência europeia, irá ser designado para um novo mandato, sem que ninguém ousasse propor um candidato alternativo.

**B**ARROSO é o protótipo do Administrador burocrático, sem quaisquer veleidades de autonomia política, que a generalidade dos governos nacionais prefere, porque lhes obedece e não lhes faz sombra.

Sócrates invocou motivos de nacionalismo pacóvio para apoiar Barroso, enquanto o cabeça de lista do PS, Vital Moreira, se atreveu a discordar. Sem consequências, porém. O grande tema final da campanha do PS resumiu-se às ligações entre o PSD e o BPN. Mas não foi apenas em Portugal que a Europa apareceu como um navio fantasma, uma concha vazia.



CASO BPN

Drama O banqueiro aprisionado que interrompeu o silêncio a que se remeteu há ma

# O monólogo do

Texto ISABEL VICENTE  
Ilustração MIGUEL SEIXAS/WHO

Quase a sair de cena, da sala 7 da Assembleia da República, o 'caso BPN', que está nas mãos da comissão parlamentar de inquérito desde 13 de Janeiro, contou a 26 de Maio com o testemunho do personagem-chave na vida do banco, José Oliveira Costa. Um relato que serviu para contrariar versões e desiludir quem esperava confissões bombásticas sobre o que verdadeiramente se passou e como se passou no grupo que geriu durante 10 anos. A prestação de Oliveira Costa manteve no segredo dos deuses o meandro da arquitetura das operações e transacções que estarão na base da sua prisão preventiva. Mas esgotou a sala. Fez do drama comédia nas últimas horas em que respondeu, por vezes de forma irónica, aos deputados.

Foi muita parra para pouca uva, à excepção do desempate que protagonizou relativamente às declarações de Dias Loureiro sobre o encontro com o ex-vice-governador do Banco de Portugal, António Marta, dando razão a este.

Neste II Acto da narrativa da história recordam-se afirmações feitas por aqueles que agora foram objecto de críticas ou foram desmentidos por parte do único responsável do grupo que está preso preventivamente, José Oliveira Costa. Valem o que valem, mas não deixam dúvidas: o essencial ficou por dizer.

A comissão parlamentar de inquérito falta ouvir o governador do Banco de Portugal, Vítor Constâncio, responsável máximo quanto ao papel da supervisão no 'caso BPN' e cuja sessão está agendada para segunda-feira e o ministro das Finanças, Teixeira dos Santos, responsável pelo acto de nacionalização do BPN, que deverá ocorrer também na próxima semana.

Os trabalhos da comissão têm de estar concluídos até 15 de Julho mas ainda há a hipótese de ser pedida a suspensão do prazo para que se possa ouvir outros elementos relevantes para o esclarecimento do que se passou no BPN.

Quem por lá passou deixou testemunhos que a comissão terá agora de compilar num relatório minucioso, onde estão já inúmeras contradições de figuras mais ou menos mediáticas ligadas ao grupo BPN. Da comissão sairá o apuramento dos factos para que está mandatada: o papel da supervisão e o acto de nacionalização no BPN. Quanto ao apuramento de ilícitos criminais, as autoridades judiciais também estão no seu encaixe.

**PERSONAGENS:** José Oliveira Costa (fundador e ex-presidente do grupo BPN), Manuel Dias Loureiro (ex-administrador da SLN), Luís Caprichoso (ex-administrador da SLN/BPN), Fernando Fantasia (accionista da OPI 92, que detém os terrenos na margem sul em Rio Frio), Miguel Cadilhe (ex-presidente da SLN e do BPN), Joaquim Coimbra (accionista de referência do grupo SLN e da SLN Valor, integra o grupo dos 10 maiores accionistas que afastaram Oliveira Costa), Daniel Sanches (ex-administrador da Pleiade), Fernando Cordeiro (accionista da SLN, pertence ao grupo de Joaquim Coimbra), Abdool Vakil (presidente do Banco Elisa, foi presidente do grupo BPN depois da saída de Oliveira Costa e até à chegada de Miguel Cadilhe), Francisco Comprido (ex-administrador do BPN e presidente do Excellence Assets Fund, fundo que parquou a operação de Porto Rico), José Vaz Mascarenhas (presidente do Banco Insular), António Franco (ex-administrador e ex-director de Operações), Vieira Jordão (ex-administrador da SLN Tecnologias)

**Cena I — Accionistas e o boicote à venda do BPN**

**Oliveira Costa:** "Foi um grupo de 10 accionistas e em particular o subgrupo dos quatro que, conscientemente, manipularam os factos para fazerem abortar as sucessivas hipóteses de venda do grupo a entidades estrangeiras (a família Real da Arábia Saudita e da Jordânia a Carlyle com o Banco Africano de Investimento e por último um grupo que representava interesses libios em Portugal)".

**Joaquim Coimbra:** "Começou a haver conversas no início de 2007 — apesar dos resultados consolidados de 2006 serem muito bons (€75 milhões) e dos accionistas baterem palmas. Mas convenci Oliveira Costa a reunir-se com os accionistas do Conselho Superior, éramos 9, e nesta reunião disseram tudo o que lhes ia na alma. Pretendíamos uma alteração do modelo de governo e defendemos que o grupo não podia ser gerido por um só homem. Queríamos a separação entre a área financeira e não financeira, desenvolver os bons negócios e alienar o supérfluo. Queríamos preparar a sucessão de Oliveira Costa" (isto em meados de 2007).

**Oliveira Costa:** "Ele (Joaquim Coimbra) queria vender o banco, desarticulando o grupo. Se ele vendesse o banco, o resto ficava livre: se quisesse comprar os vinhos, comprava os vinhos, ele desejava a parte da saúde e mais umas coisas... Peço-lhe (à Maria de Belém, presidente da comissão de inquérito) para não ficar nas actas, porque isto é um bocado de especulação".

**Joaquim Coimbra:** "Os quatro nomes eram eu próprio, Fernando Cordeiro, Adelino Silva e Almirio Silva, fazíamos parte da comissão de avaliação e nomeações. Acompanhámos com preocupação a imagem do grupo em Janeiro e Fevereiro de 2008, no Expresso, dando conta da saída de administradores e da pressão do Banco de Portugal sobre o BPN, a existência de offshores. Depois, o presidente (Oliveira Costa) deu uma entrevista sob pressão ao 'Diário Económico', com grande destaque, a dizer que não tinha nada a esconder. Nela falava que existiam regras e que se em matéria de offshores houvesse falta de rigor esperava que os responsáveis por essas áreas estivessem a cumprir. Isto foi mal recebido porque estaria a responsabilizar pessoas por algo que não estaria tão correcto, como seria desejável. Depois de tudo isto, colocámos um conjunto de questões por nos termos apercebido de que havia transacções de imobiliário que não seriam as mais correctas".

**Miguel Cadilhe:** "Apareceram seguramente mais umas três ou quatro vezes (propostas de compra). Recebi diversas ofertas de árabes para comprar todo o grupo SLN, algumas delas intermediadas por accionistas, que surgiam em momentos cirurgicamente importantes, mas que desapareciam rapidamente sem que se aprofundassem quaisquer negociações".

**Oliveira Costa:** "O accionista Adelino Silva foi mesmo ao ponto de dizer (a respeito da proposta aos libios a €2,75 por acção): 'Isso é uma proposta insultuosa, que serve apenas os seus interesses e não os nossos. E digo-lhe mais, eu por mim não me importo de perder tudo, o que quero é vê-lo na cadeia'".

**Francisco Sanches:** "Oliveira Costa não teve tempo de explicar aos accionistas as vantagens do negócio".

**Cena II — Banco Insular (BI) e Offshores**

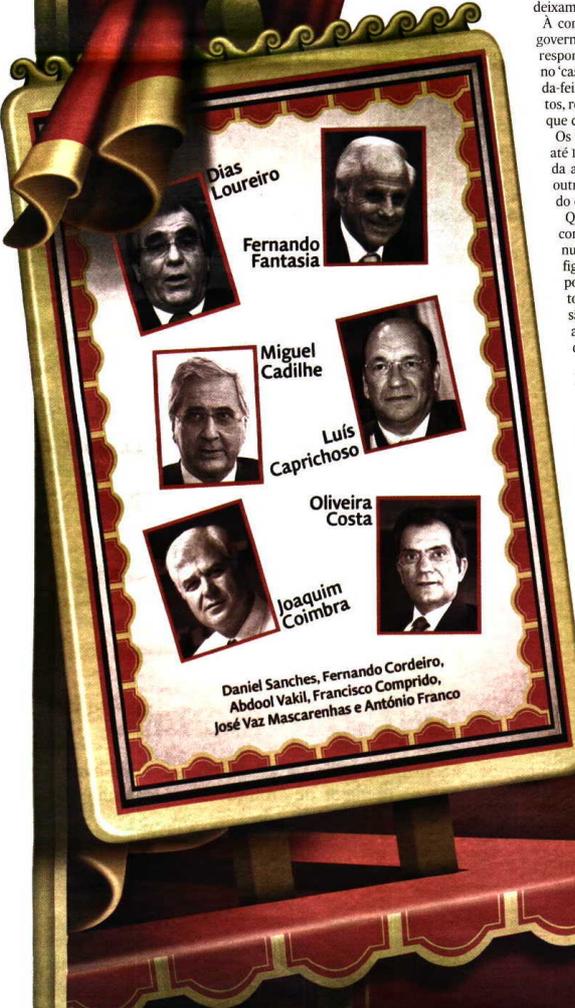
**Joaquim Coimbra:** "Quando ouvimos falar do BI pensamos que era Bilhete de Identidade".

**Oliveira Costa:** "Não credível a afirmação de Coimbra", ao pensar que BI era Bilhete de Identidade. "Não falo do Banco Insular".

**Dias Loureiro:** "A primeira vez que ouvi falar do Banco Insular foi pelos jornais. Oliveira Costa chamou-me e disse-me que tal como eu sabia, o Banco Insular não era nem do BPN nem da SLN".

**Miguel Cadilhe:** "Não conseguimos determinar inequivocamente a titularidade do Banco Insular. Não obstante o BPN nos tivesse pedido para assumir o Insular".

**José Vaz Mascarenhas:** "O BI era a caixa de correio do BPN. Foi vendido por mim e Oliveira Costa à Insular Holding, sociedade de





is de um ano, falou e fez comédia

# banqueiro

direito britânica, criada pelos serviços do BPN. O Insular era da SLN" (a 11 de Fevereiro).

**Joaquim Coimbra:** "Ficámos, a 12 de Fevereiro, a saber que havia irregularidades num banco em Cabo Verde, pensamos que o BPN IFI. Foi-nos dito que seria o Banco Insular e informaram-nos da existência de sociedades extragrupo, como a OPI (terrenos em Rio Frio) e Pluri-par, entre outras sociedades, e que havia ordens do BPN para outros bancos para conceder créditos a essas sociedades".

**José Vaz Mascarenhas:** (Ouvido à porta fechada a 6 de Maio, para esclarecer contradições).

**António Franco:** "As transacções eram efectuadas por um núcleo restrito de pessoas, entre as quais Oliveira Costa, Francisco Sanches e Luís Caprichoso" (a 12 de Fevereiro; voltou à comissão a 21 de Abril para ser ouvido à porta fechada para prestar mais informações).

**Francisco Sanches:** "Sempre achei que as questões do BI tinham de ser resolvidas dentro da casa".

**Abdool Vakil:** "Os primeiros indícios de titularidade do Insular surgiram em Maio (de 2008)".

**Miguel Cadilhe:** "Detectámos 94 sociedades offshore no grupo BPN".

**Oliveira Costa:** "Não fazia ideia de que havia... (tantas offshore), para mim é uma surpresa. Eu não fiz nenhuma, nem sei como se faz".

**Francisco Comprido:** (Foi evasivo. Mas revelou ter recebido um empréstimo do Banco Insular, creditado numa conta de outro banco, feito por intermédio de Oliveira Costa).

**Luís Caprichoso:** (silêncio). O braço-directo de Oliveira Costa foi chamado à comissão por duas vezes, a primeira mandou uma carta invocando o estatuto de arguido. No segundo enfore, Caprichoso deslocou-se ao Parlamento e leu uma carta onde alegava o mesmo estatuto e as razões porque não falava. Os deputados não tiveram outro remédio senão aceitar.

**Oliveira Costa:** "Luís Caprichoso saiu do grupo em Agosto de 2007 porque gostava de ouvir música. Tem paixão por música. Recebeu o mesmo que teria recebido se tivesse ficado até ao fim do mandato", (questionado sobre o valor que este recebeu).

**Fernando Cordeiro:** (Ouvido à porta fechada). Integrou o grupo de cinco accionistas que supostamente "compraram" a SLN Imobiliária SGPS a pretexto de fazer cumprir uma exigência do Banco de Portugal. Estes accionistas assinaram um protocolo com a SLN — representada por José Oliveira Costa e Luís Caprichoso — com o objectivo de alienar a totalidade das acções da SLN Imobiliária SGPS, e dessa forma cumprir as indicações do BdP. E terão criado a sociedade Camden Capital Corporation, uma empresa offshore que a 29 de Dezembro adquiriu a totalidade da SLN Imobiliária SGPS.

## Cena III — Redal, Biometrics e o ataque a Dias Loureiro

**Oliveira Costa:** "O negócio de Marrocos (Redal) foi durante algum tempo considerado por Dias Loureiro como uma grande valia para o grupo. Mas a febre de venda só surgiu quando apareceu em cena o senhor El-Assir. A partir daí tudo o que era bom passou a ser um risco que devíamos cortar quanto antes, para ainda se poderem fazer mais-valias".

**Dias Loureiro:** "O negócio (compra das empresas de Porto Rico, Biometrics e Nova Tech) foi fechado depois de Vieira Jordão ter ultrapassado as objecções. Havia um entusiasmo por parte da SLN, a compra era o acesso a um novo mercado. Não fui fazer o negócio" (disse-o da primeira vez que esteve na comissão. Da segunda vez já reconheceu que esteve no início e no fim do negócio).

**Vieira Jordão:** "O negócio era de elevado risco. Dias Loureiro teve um papel importante".

**Oliveira Costa:** (afirmou ter dito a Vieira Jordão): "Já sei que a reunião de ontem (sobre o negócio de Porto Rico) foi muito incómoda para si e se as explicações técnicas aliviaram algumas das suas dúvidas não as excluíram por completo... Eu também não estou confortável com este negócio, mas ontem à noite o Dr. Dias Loureiro telefo-

nou-me a dizer que o El-Assir tinha assumido uma posição radical: ou a compra da Biometrics ia para a frente ou desligava-se do apoio que estava a dar ao grupo para vender a Redal. Quando regressasse a Madrid a primeira coisa que iria fazer era avisar os seus amigos da Vivendi e de Marrocos que se tinha desligado das negociações".

**Dias Loureiro:** (da primeira vez que foi à comissão): "Não há a mínima relação (entre o negócio de Marrocos e o de Porto Rico). O negócio de Marrocos começou a ser negociado em 1997... Vamos lá ver: a relação é apenas de uma pessoa. Quando estávamos a tratar da venda à Vivendi, de Marrocos, numa das muitas reuniões que tivemos, o sr. El-Assir e o sócio dele, Hector Hoyos, pediram-me para ver se eu arranjava uma reunião no BPN como eventual futuro comprador dessa máquina (à Biometrics). Mas é a única razão que existe, não há mais nenhuma".

**Francisco Sanches:** "El-Assir veio indicado por Dias Loureiro. O BPN Cayman concedeu crédito sem garantias a três offshore criadas pelo BPN e associadas a El-Assir, que eram do BPN".

**Oliveira Costa:** "Alguns accionistas entre o grupo dos 10 beneficiaram da actuação do Banco Insular em Cabo Verde... Almiro Silva e Fernando Cordeiro".

**Daniel Sanches:** "Se fosse possível, ao fim de um mês tinha saído". (Entrou a convite de Dias Loureiro, esteve oito anos no grupo e foi ao engano)

**Oliveira Costa:** "Dias Loureiro propôs-me que Daniel Sanches e Lencastre Bernardo fossem admitidos pelas suas qualidades técnicas... Daniel Sanches poderia ser o director dos serviços jurídicos (advogado Loureiro). Disse-lhe que concordava com as admissões, mas quanto ao lugar para Daniel Sanches não poderia ser, uma vez que estava preenchido por Armando Pinto, embora Dias Loureiro tivesse dito à comissão que a sua função era para controller, lugar que pertencia a Luís Caprichoso..."

## Cena IV — A OPI 92/Rio Frio

**Miguel Cadilhe:** "Há empresas e activos do grupo que não estavam lá..."

**Oliveira Costa:** "A OPI 92 participa com uma quota de 50% num conjunto de empresas que devem ser detentoras de cerca de 6000 hectares de terrenos, em zonas nobres do país".

**Fernando Fantasia:** Assumiu que o BPN concedeu crédito às empresas por si detidas no valor de €180 milhões. O negócio da compra dos terrenos foi levado ao BPN pelo empresário Emílio Catum, sócio de Fantasia na Pluri-part. "Oliveira e Costa perguntou-me se conhecia o negócio e se era possível fazer uma Vilamoura melhor às portas de Lisboa. Este negócio começou em 2003. O que é que acontecia em 2003 para justificar que tivéssemos negociado o primeiro terreno em Rio Frio?" 50% dos activos eram da SLN, mas só em 2009, já na administração posterior a Cadilhe, a parte da participação passou para a SLN Valor (detida pelo grupo dos 10). Quando Fantasia esteve na comissão, a 24 de Março, a operação não estava firmada.

## Cena V — O desempate a favor de António Marta

**Oliveira Costa:** "Desaconselhei a ida de Dias Loureiro ao Banco de Portugal. Disse-lhe que António Marta estava a fazer o que lhe competia. A verdade está com António Marta" (Referia-se à versão de Dias Loureiro contada à comissão de que tinha pedido o encontro para "lhe dizer que o modelo de gestão do grupo era muito diferente do modelo de empresas a que estava habituado e que o BdP devia estar atento").

**António Marta:** "Dias Loureiro tinha preocupações sobre o facto de o BdP estar sistematicamente dentro das instalações do BPN".

**Francisco Sanches:** "Dias Loureiro informou Oliveira Costa que ia falar ao BdP".

**Oliveira Costa:** "Dias Loureiro disse-me que lhe tinha feito sentir (a Marta) que a supervisão estava constantemente a questionar o BPN".

Fim do II Acto



## BPN líbios tentaram comprar banco

OS ADVOGADOS Joaquim Peralta e Duarte Lima, o antigo líder parlamentar do PSD, tentaram comprar o Banco Português de Negócios (BPN) em representação de investidores líbios, antes da instituição ter sido nacionalizada, segundo o jornal Público. Os primeiros contactos foram feitos por Alípio Dias, ex-administrador do BCP.



## CONTAS

# 'Buraco' no BPN difícil de recuperar mesmo com venda

**€570 milhões de prejuízos e um 'buraco' patrimonial de €1,6 mil milhões. Uma factura elevada que chegará ao bolso dos contribuintes**

O Banco Português de Negócios (BPN) não será vendido a qualquer preço, garantiu o presidente da instituição, Francisco Bandeira, apesar de as contas do banco em 2008, reveladas esta semana, serem negras.

Nas mãos do Estado desde Novembro de 2008, o BPN acumulou naquele ano um resultado negativo de €575 milhões e um 'buraco' (situação patrimonial negativa) de €1,6 mil milhões. Desde então o banco criado por Oliveira Costa já absorveu €2,5 mil milhões de capital injectado pelo accionista Estado, através da CGD, para resolver problemas de liquidez. As contas de 2008 reflectem a revisão que entretanto teve de ser feita aos resultados de 2006 e 2007.

Mesmo que alguém se interessasse efectivamente por comprar o BPN — e já houve algumas manifestações de interesse —, o encaixe da venda seria quase de certeza deficitário face à situação patrimonial do banco, avançam fontes do sector. Só para cobrir os prejuízos de 2008 e o capital próprio negativo seriam precisos €2,2 mil milhões.

Francisco Bandeira não arrisca montantes quando questionado sobre o custo da nacionalização para os contribuintes, socorrendo-se da aritmética para se expressar: "O prejuízo para o Estado será o que resultar da diferença entre quanto valer o banco, em caso de venda, e o valor que foi injectado". Mas diz ter a convicção de que o prejuízo "será sempre menor do que seria se o banco tivesse ido à falência". E, nesta altura, admite que a venda do BPN é a solução mais indicada. Tanto mais que a rede de balcões do BPN coincide em 80% com a da CGD. Além disso, "têm sido dados sinais de interesse", por parte de algumas instituições, na rede do BPN. Mas não descarta a hipótese que já esteve em cima da mesa: "Se a CGD fez uma proposta antes da nacionalização para ficar com o BPN, poderá manter essa intenção de compra". O que poderá acontecer num cenário em que ninguém se chegue à frente para comprar o banco.

O trabalho desta administração passa por renegociar a dívida que a Sociedade Lusa de Negócios (que controlava o BPN) tem no banco e os créditos afectos ao Banco Insular, embora neste último a qualidade do crédito seja muito má, até porque muitos não têm qualquer garan-

tia, e estão ligados a testas-de-ferro e a empresas da SLN, algumas em situação muito delicada. A venda de activos, entre os quais o BPN Brasil, Banco Efisa e Centro Hospitalar de Leiria, poderá reduzir as necessidades de capital da instituição entre €50 e €60 milhões, adianta.

Entre os problemas encontrados estavam também os prejuízos de 2006 e 2007, o que foi preciso reportar, dado que as contas apresentavam lucros por não estarem contabilizadas as provisões necessárias, entre elas as decorrentes da consolidação do Insular.

Norberto Rosa, administrador do BPN, traçou um cenário negro, revelando que a insuficiência de provisões foi no passado avassaladora. Só o crédito concedido e afecto directa e indirectamente ao Insular através do BPN, não declarado nas contas do banco, ascendeu a €619,5 milhões em 2007 e a €783,9 milhões em 2006. O que implicou a constituição de provisões de €915 milhões.

## Processos disciplinares

Quanto à limpeza que está a ser feita no BPN desde a nacionalização, a gestão de Bandeira dá nota de mais de uma dúzia de processos disciplinares a altos

quadros do banco. "Vêm mais a caminho". Em grande parte destes processos, os responsáveis estão suspensos. Quanto aos ex-administradores e quadros sem funções atribuídas, Bandeira nada disse. I.V. e A.C.C.



Norberto Rosa e Francisco Bandeira, vice-presidente e presidente do BPN, afirmam ter sido difícil apresentar contas



# Pacificação em curso... mas com reservas

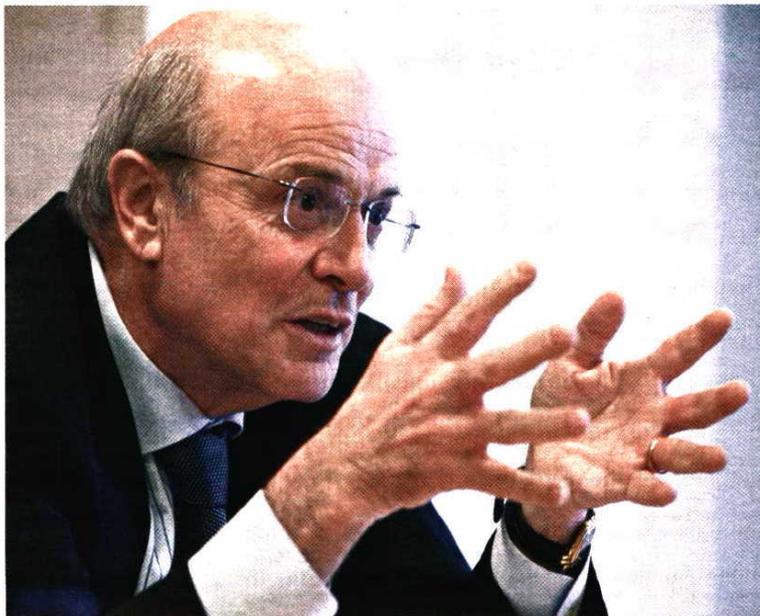
Negócios entre a SLN e os seus accionistas passarão a ser **escrutinados pela Assembleia Geral** da empresa

A esperança é a última a morrer e por isso os accionistas da Sociedade Lusa de Negócios (SLN) querem acreditar que, apesar da má situação financeira da generalidade das empresas do grupo e da grave crise que se está a viver, o grupo ainda tem viabilidade.

Esse sentimento foi visível na Assembleia Geral (AG) do grupo, realizada na sexta-feira da semana passada, durante a qual apresentaram as contas de 2008, com um prejuízo de €170 milhões.

Os accionistas, sobretudo os maiores, têm motivos para estar insatisfeitos. Além de o Governo ter decidido não os indemnizar pela nacionalização do BPN, enfrentaram também, na semana passada, o ataque de José Oliveira Costa na comissão parlamentar de inquérito, que os acusou de terem bloqueado oportunidades de venda do grupo a investidores estrangeiros, nomeadamente americanos, líbios e angolanos.

Mas há um problema grave ainda para resolver, que não tem para já solução à vista, e que se prende com o aumento de capital avançado por Miguel Cadilhe no período em que liderou a SLN. Apenas parte desse



Fernando Lima, presidente da SLN, conseguiu apaziguar divergências FOTO ANTÓNIO PEDRO FERREIRA

aumento de capital foi para a frente, mas entretanto a operação foi anulada pela administração de Cadilhe, com base na nacionalização do BPN e no facto de não serem do seu conhecimento os problemas do grupo à data em que foi decidido fazer o aumento de capital.

A anulação da operação provocou reacções negativas em alguns accionistas e um deles, Aprígio Santos, avançou mesmo com uma providência cau-

telar para tentar travar essa anulação.

Por seu lado, a Urbigarden, uma sociedade imobiliária detida pela SLN Valor e que elevou a sua posição de 32,65% para 44,35% no capital da SLN, que controlava o BPN, avançou com uma acção contra o conselho de administração de Cadilhe por considerar que o aumento de capital era nulo. A SLN, chamada a responder neste processo, deu razão à Urbigarden, legitimando assim a anulação do aumento de capital. Com base nesta decisão, foi registada na conservatória do registo comercial de Barcelos a anulação do aumento de capital, no próprio dia da AG. O problema é que ainda não foi decidida a acção intentada por Aprígio Santos — que pedia a anulação da decisão da AG quanto à deliberação tomada de anular o aumento de capital —, a qual está em fase de recur-

so, pelo que o próprio registo da anulação do aumento de capital poderá também ele ser nulo. E é este imbróglio que terá agora de ser resolvido.

## PONTOS MAIS DISCUTIDOS

- A anulação do aumento de capital, aprovada na Assembleia Geral (AG) de accionistas quando a SLN era presidida por Miguel Cadilhe. A decisão de anular o aumento de capital poderá ser declarada nula, pois corre um processo contra a deliberação da AG

- Accionistas comprometem administração a levar à AG todos os negócios que sejam feitos com accionistas do grupo

- Accionistas aprovam contas com resultados negativos de €170 milhões, embora com reservas. Foram identificadas várias sociedades não residentes, detidas pela SLN, que não possuem contabilidade organizada

na margem Sul do Tejo, e que era até há pouco tempo maioritariamente de Fernando Fantasia, parceiro da SLN neste negócio. Inicialmente, a SLN Valor tomou 20% da OPI e teria mais 35% que estariam ainda numa 'barriga de aluguer' na altura em que foi feito o aumento de capital da SLN.

Os 35% que estavam fora da SLN foram recentemente transferidos para a SLN Valor, sociedade dominada pelos grandes accionistas da SLN. A operação terá sido preparada durante a presidência de Cadilhe e validada por Fernando Lima assim que este chegou à presidência da SLN. Os 35% juntam-se aos 20% que a SLN Valor já tinha, mas a operação está a ser contestada por alguns pequenos accionistas da SLN que se queixam de ter sido prejudicados, porque perderam esses 35%.

O momento é para apaziguar as hostes e tentar recuperar o dinheiro perdido, segundo alguns accionistas. Foram entretanto tomadas algumas precauções, pois ficou assente que qualquer negócio entre a SLN e os accionistas teria de passar pelo escrutínio da AG.

Quanto aos diversos interesses manifestados por entidades estrangeiras para comprar o grupo, o presidente da SLN Valor, Alberto Figueiredo, afirma: "Ainda hoje estamos à espera". Referia-se a uma proposta de aquisição do grupo sem identificar os compradores feita por Alípio Dias, ex-administrador do BCP.

ISABEL VICENTE e PEDRO LIMA  
 ivicente@expresso.imprensa.pt



## SLN A CAMINHO DA PACIFICAÇÃO

Apesar da má situação financeira da SLN, os accionistas assumiram o compromisso de recuperar o mais rapidamente possível o grupo. Mas há problemas graves por resolver: a anulação do aumento de capital é um deles.



## CASO BPP

# Governo sem desatar nó do BPP

**Recusa dos bancos em apoiar solução para os clientes de retorno absoluto do BPP, sem o aval do Estado, obriga Governo a adiar a resolução. Protestos sobem de tom**

Contra todas as expectativas, o Governo não apresentou ainda esta semana uma solução para os clientes de retorno absoluto do Banco Privado Português (BPP), e admite-se que não apresente antes das eleições europeias, uma vez que não está a ser fácil encontrar uma solução, e o Executivo não quer que a opção que vier a tomar sirva de arma de arremesso político.

O ministro das Finanças, Teixeira dos Santos, não conseguiu convencer os principais bancos a tomar por sua conta e risco a gestão da sociedade de titularização a criar para parquear as unidades de participação dos clientes, que aplicaram na gestão de carteira do BPP mais de €1,2 mil milhões. Os bancos aceitavam fazê-lo apenas se houvesse uma garantia por aval do Es-

tado, por forma a cobrir eventuais perdas caso os activos não tenham recuperado em 2013, data da maturidade dos produtos, aval que o Governo está renitente em assumir.

Mas o cartão 'vermelho' dos banqueiros não se fica por aqui, lançaram críticas ao accionamento do Sistema de Indemnização dos Investidores (SII), um fundo que iria ser usado para permitir avançar já com parte do pagamento das poupanças dos clientes. Defendem que o SII não prevê a cobertura de menos-valias. A decisão de usar o SII está no entanto nas mãos dos reguladores. Actualmente, o SII só permitirá dar a cada cliente lesado €25 mil.

A este propósito, Fernando Ulrich, presidente do BPI, defendeu que o Estado deverá com-

prar os títulos que estão na carteira ao preço de mercado e entregar a diferença quando for reembolsado na maturidade. Ou então, comprar a carteira ao valor nominal. "O Estado não terá prejuízo. Só tem de fazer a gestão do tempo", disse.

Entretanto, na sede do BPP, em Lisboa, esta semana os protestos dos clientes subiram de tom. Vítor Constâncio, governador do Banco de Portugal (BdP), foi um dos maiores alvos de indignação, não só por ser acusado de ter falhado na supervisão do BPP, mas também por ter decidido prolongar até 1 de Setembro o congelamento do acesso às poupanças. Dezenas de clientes juntaram-se à porta do banco fundado por João Rendeiro exigindo justiça e receber de imediato as suas poupanças.



**Clientes do BPP voltaram a manifestar-se esta semana**

Os clientes questionam a legalidade da decisão do BdP, sublinhando que é o único país da Europa em que está a acontecer uma situação destas. Numa das várias reuniões que tiveram com a actual administração chegaram a pedir a demissão de Adão da Fonseca. Pedido que, nesta fase, o responsável não pretende satisfazer. Querem também ser recebidos pelos reguladores e pelo ministro das Finanças.

Na terça e quarta-feira vários destes clientes pernottaram na sede do BPP em Lisboa, local que dizem estar dispostos a abandonar apenas quando lhes for apresentada uma solução viável. É a primeira vez na história da banca portuguesa que os clientes dormem, em protesto, dentro de um banco. A.C.C e I.V.



Solução  
para o BPP  
em aberto

# João Cravinho recusou oferta do BPN

**Abdool Vakil sugeriu a Oliveira Costa lista de nomes de socialistas para integrar BPN.**

**Catarina Duarte**  
catarina.duarte@economico.pt

O ex-ministro das Obras Públicas de António Guterres, João Cravinho, confirmou ao Diário Económico que foi sondado para integrar os quadros do Banco Português de Negócios. "Na altura tive uma conversa informal com Abdool Vakil que me fez o convite mas eu recusei, porque fazia parte do Governo e não fazia sentido", diz o actual administrador do Banco Europeu para a Reconstrução e Desenvolvimento.

A contratação de socialistas para os quadros do BPN marcou o dia de ontem, depois do "Público" ter divulgado um e-mail do então presidente do Banco Efisa, Abdool Vakil, a Oliveira e Costa, no início da década, sugerindo um conjunto de nomes do PS para integrarem os órgãos sociais do Banco Efisa, braço de investimento do BPN.

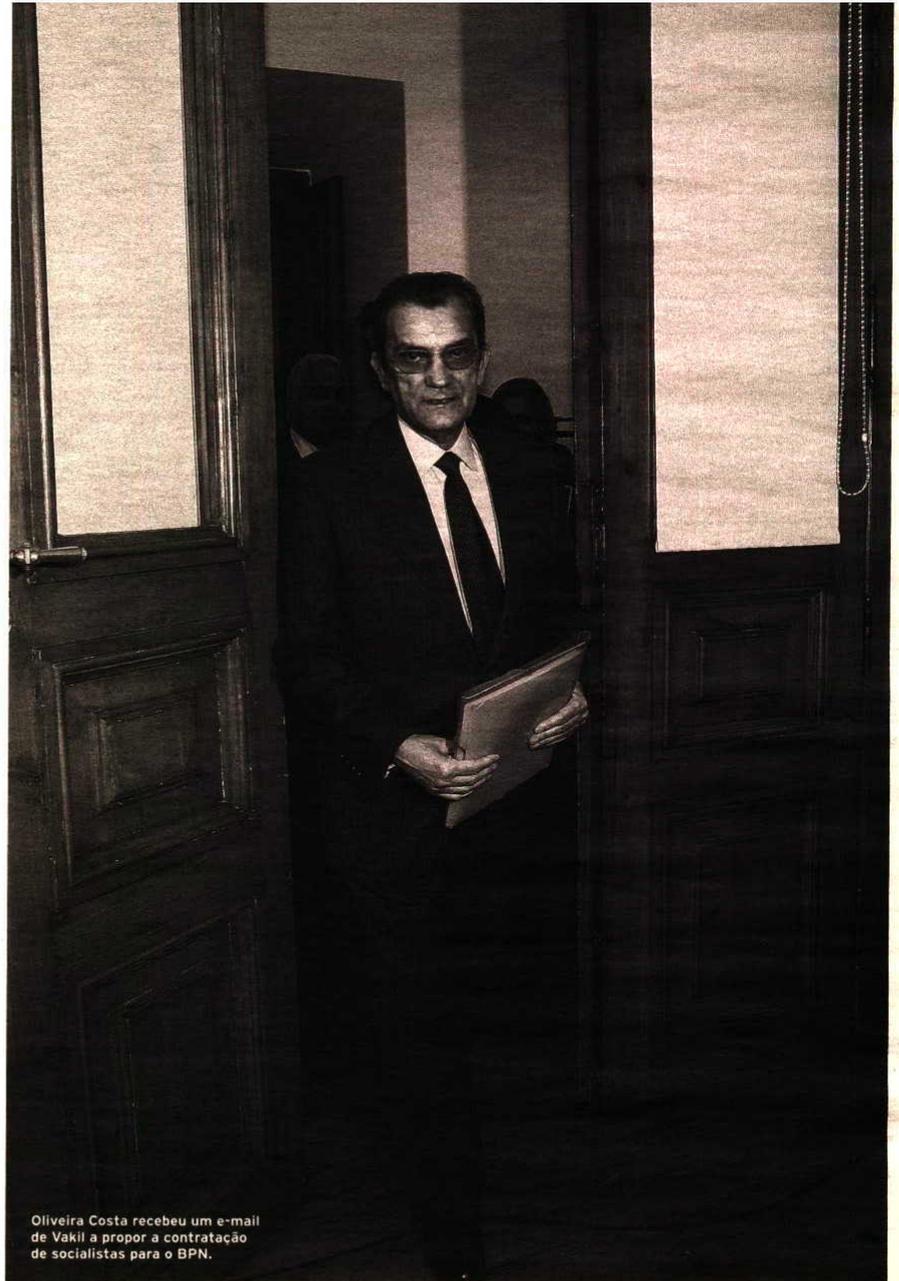
Da lista também faziam parte o ex-ministro da Economia de Guterres, Augusto Mateus e o actual Ministro da Justiça, Alberto Costa. Augusto Mateus confirmou ao Diário Económico que tem uma relação pessoal com Abdool Vakil, que "foi seu professor assistente de matemáticas gerais" mas que não foi convidado para integrar o BPN. "Fiz parte do conselho consultivo do grupo Efisa, onde participava numa reunião trimestral, não regular, e dava a minha opinião sobre o estado da economia. Nunca fui contactado para qualquer cargo no BPN, nem nunca tive nenhuma relação com esse banco". Já o ministro Alberto Costa disse ao Diário Económico: "É a primeira vez que ouço falar disto".

Desde que foi nacionalizado, o Banco Português de Negócios tem estado sob o olhar atento dos políticos. Durante a campanha para as europeias Vital Moreira culpou figuras do PSD pela "roubalheira" do BPN. "Certamente por acaso, todos aqueles senhores são figuras gradadas do PSD. E estamos à espera que o PSD se pronuncie sobre essa vergonha,

que é justamente a roubalheira do BPN", declarou o cabeça de lista socialista. Manuela Ferreira Leite reagiu dizendo-se "indignada", pedindo explicações a José Sócrates e desafiando Vital Moreira a concretizar as insinuações. Sem resposta, a líder do PSD acusou os socialistas de não terem coragem de concretizar as acusações, optando por "manchar tudo e todos".

Mas a verdade é que pelo BPN só passaram social-democratas, desde Dias Loureiro, administrador da SLN, Miguel Cadilhe, ex-presidente do BPN e SLN, Joaquim Coimbra, accionista do banco, Daniel Sanches, administrador de empresas satélite da SLN ou Rui Machete, ex-presidente do conselho superior da SLN. ■ **Com M.A.**

**O e-mail enviado a Oliveira e Costa fazia considerações sobre várias personalidades ligadas ao PS.**



Oliveira Costa recebeu um e-mail de Vakil a propor a contratação de socialistas para o BPN.



**João Cravinho**  
Ex-ministro das  
Obras Públicas



**Augusto Mateus**  
Ex-ministro  
da Economia

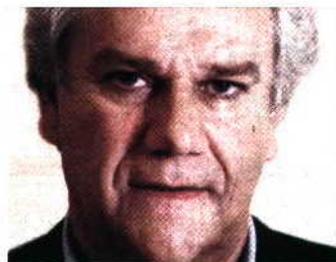


**Alberto Costa**  
Ministro  
da Justiça

"Na altura tive uma conversa informal com Abdool Vakil que me fez o convite mas eu recusei porque fazia parte do Governo e não fazia sentido", disse ao Diário Económico o actual administrador do BERD.

Augusto Mateus fez parte do conselho consultivo do grupo Efisa e diz ter uma relação pessoal com Abdool Vakil. "Mas nunca fui contactado para qualquer cargo no BPN, nem nunca tive nenhuma relação com esse banco", afirma.

O actual Ministro da Justiça é descrito no e-mail enviado por Abdool Vakil como "muito ligado ao António Vitorino" e "uma pessoa discreta". Contacto pelo Diário Económico, Alberto Costa disse "é a primeira vez que ouço falar disto".



# Fernando Madrinha

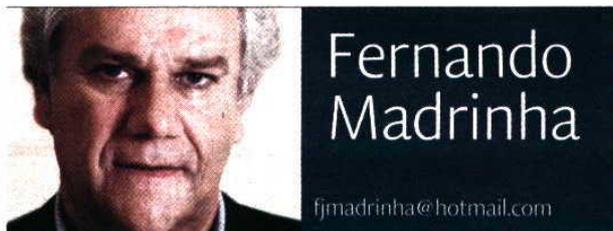
fjmadrinha@hotmail.com

## GATO POR LEBRE

**C**omprar e vender acções com lucro não é crime nem um acto de que o cidadão Cavaco Silva tenha que se envergonhar, mesmo se o acesso à compra se apresenta como um privilégio, tendo em conta que as acções da SLN não estavam cotadas na Bolsa. O bom investimento num grupo que veio a ganhar má fama não belisca a honorabilidade nem suscita, por si só, qualquer dúvida sobre a lisura de procedimentos do actual Presidente. Por isso se estranha a resistência de Belém a confirmar uma informação que, além de ser já do domínio público, consta, pelos vistos, da declaração de rendimentos de Ca-

vaco ao Tribunal Constitucional.

A preocupação de evitar qualquer leitura malévola da proximidade com dois dos principais líderes da empresa proprietária do BPN levaram-no a um excesso de discrição no momento em que só tinha interesse em prestar todos os esclarecimentos. Justamente para não chegar a este ponto de vir a público para uma intervenção demasiado pesada para o que estava em causa. Uma intervenção que teve uma revelação surpreendente. SLN à parte, o homem que em 1987 denunciou a especulação delirante na Bolsa de Lisboa foi fortemente prejudicado pela actual crise. Pelos vistos, também comprou 'gato por lebre'.



Fernando  
Madrinha

fjmadrinha@hotmail.com

## CAMPANHA DA INDIFERENÇA

A insistência de algumas figuras do PS em trazerem a “roubalheira” do BPN para o centro do debate eleitoral foi uma manobra perigosa que podia ter transformado a campanha para as europeias em pura chicana política. Se o PSD tivesse respondido à letra, atacando, por seu lado, os outros ‘casos’ que aí estão, a lavagem de roupa suja deixaria os dois partidos ainda mais enlameados. Assim, a campanha manteve-se nos limites da dignidade e da decência. E a Europa esteve mais presente do que a princípio se imaginava, apesar de todos terem trabalhado para fazer das eleições de domingo ‘a primeira volta das legislativas’.

Paulo Rangel foi, entre os candidatos, a maior e mais positiva surpresa, até pelas baixas expectativas com que partiu. Não é ainda o *player* que se considera, com peso político próprio, mas parece ter dado vida a um partido que estava em estado comatoso. Vital Moreira pode vir a ser um excelente eurodeputado, mas revelou-se um fraco candidato. Duvida-se que tenha cumprido a sua tarefa essencial para esta campanha: estancar as perdas do PS para a esquerda. Nuno Melo talvez beneficie da exposição mediática recente, por causa do trabalho meritório em comissões parlamentares com grande visibilidade; mas também não se revelou um *player* — para voltarmos à terminologia de Rangel — com autonomia e força própria. Ilda Figueiredo e Miguel Portas correspondem ao arquétipo dos ‘valores seguros’, na perspectiva dos respectivos partidos. Em todo o caso, não será pelo seu desempenho específico — e sim por razões de política interna — que o PCP e o Bloco terão mais votos, como dizem as sondagens.

Quanto aos líderes, Jerónimo de Sousa, Paulo Portas e Francisco Louçã prestaram apoio regular aos seus candidatos — permanente e indispensável no caso de Portas. Ao centro, tivemos duas atitudes distintas. José Sócrates deu a cara mais do que se espera dos primeiros-ministros, que em

geral se poupam nas europeias, até porque os efeitos da governação quase sempre prejudicam em vez de ajudarem. Segundo as sondagens, Sócrates mantém-se como grande trunfo eleitoral do PS e essa é a principal notícia, tendo em conta o seu mandato atribulado. Já Manuela Ferreira Leite esteve mais ausente do que o desejável, enquanto candidata a chefe do Governo. Uma opção tática que sugere o resguardo de quem duvida da vitória e que apresenta vulnerabilidades para o dia seguinte. Qualquer que seja o resultado, haverá sempre quem se interrogue se, com a líder em força na campanha, teria sido diferente — para melhor, ou para pior.

Claro que isto não terá muita importância — pelo menos até às le-

### A campanha foi marcada pela indiferença dos eleitores, que está a tornar-se uma forma de militância

gislativas — se o PSD ganhar categoricamente. Mas todas essas dúvidas se levantarão, caso perca por muito ou por pouco — e até se ganhar à tangente. Como se viu em Vila Real, não falta no PSD quem esteja interessado nessas contas.

Uma vez que todos partiram para estas eleições como se elas fossem a primeira volta das legislativas, **convinha que tivéssemos** os dois candidatos a primeiro-ministro em pleno e não apenas um. Até porque isso teria ajudado à mobilização dos eleitores numa campanha que lhes passou ao lado. Uma campanha marcada pela indiferença, que está a transformar-se numa forma de militância.

O Presidente da República avisou em devido tempo que a abstenção não é solução. São muitas e diversificadas as candidaturas. E o ‘não voto’ (correm-se sempre riscos quando se elogia Marinho Pinto...) não é uma arma contra coisa alguma: quando muito, será uma arma da não democracia.



Este espaço tem o patrocínio de



# JOSÉ DE MELLO

## El País ESPANHA

# Banca à deriva

«OS CLIENTES do Banco Privado Português (BPP) estão furiosos», escreve o correspondente do *El País* em Portugal, sobre uma visita à sede do banco, no Porto, ocupada por clientes em protesto.

No artigo publicado no caderno de economia de domingo, dia 31 de Maio, o diário espanhol relata «as queixas intermináveis» dos que se consideram vítimas de «uma fraude de grandes proporções». Em causa estão «duas mil contas, individuais e colectivas, que têm os seus fundos congelados». Entre os clientes afectados, realça o diário espanhol, «há cerca de 400 espanhóis, galegos e valencianos em maioria».

Com o título «Banca à deriva em Portugal», o texto explica que o Banco Português de Negócios (BPN) «atravessa situação semelhante, embora com consequências dis-

tintas para os clientes, pelo menos por agora». Aí, «a principal figura é José Oliveira Costa», a quem o *El País* se refere como «o primeiro banqueiro luso encarcerado». Referindo-se à comparação do antigo líder do BPN no Parlamento, o diário disse que este «demorou seis meses a falar, mas atirou com balas».

Oliveira Costa «falou de um grupo de dez accionistas e de um subgrupo de quatro que ‘manipularam conscientemente os factos para abortar sucessivamente a hipótese de venda do grupo Sociedade Lusa de Negócios a entidades estrangeiras que reuniam as melhores condições’», destacou o jornal, referindo ainda que também o «Banco de Portugal, como entidade supervisora, está em má posição pela conduta no caso BPN».

## Banca a la deriva en Portugal

El BPP congela los depósitos de sus clientes tras la crisis del BPN

REDACTED

Los clientes del Banco Privado Português (BPP) están furiosos por el hecho de que el BPP haya congelado los depósitos de sus clientes tras la crisis del BPN. Este hecho, que se ha producido en el momento en que se genera un clima de incertidumbre en Portugal, «este fin de semana, cuando el Gobierno portugués anuncia el cierre del Banco BPN por un período de 90 días, ha causado un gran impacto en los clientes del BPP». Los clientes del BPP están furiosos por el hecho de que el BPP haya congelado los depósitos de sus clientes tras la crisis del BPN. Este hecho, que se ha producido en el momento en que se genera un clima de incertidumbre en Portugal, «este fin de semana, cuando el Gobierno portugués anuncia el cierre del Banco BPN por un período de 90 días, ha causado un gran impacto en los clientes del BPP».



El ex presidente del BPN José Oliveira Costa, el pasado martes, acompañado por su abogado, Oliveira Costa (El País)

El Banco de Portugal, como entidad supervisora, está en mala posición por el hecho de que el BPN haya congelado los depósitos de sus clientes tras la crisis del BPN. Este hecho, que se ha producido en el momento en que se genera un clima de incertidumbre en Portugal, «este fin de semana, cuando el Gobierno portugués anuncia el cierre del Banco BPN por un período de 90 días, ha causado un gran impacto en los clientes del BPP».

El Banco de Portugal, como entidad supervisora, está en mala posición por el hecho de que el BPN haya congelado los depósitos de sus clientes tras la crisis del BPN. Este hecho, que se ha producido en el momento en que se genera un clima de incertidumbre en Portugal, «este fin de semana, cuando el Gobierno portugués anuncia el cierre del Banco BPN por un período de 90 días, ha causado un gran impacto en los clientes del BPP».

### Una dimisión con interrogantes

La comparecencia del ex presidente del BPN José Oliveira Costa en el Parlamento portugués el pasado martes, ha causado un gran impacto en los clientes del BPP. Este hecho, que se ha producido en el momento en que se genera un clima de incertidumbre en Portugal, «este fin de semana, cuando el Gobierno portugués anuncia el cierre del Banco BPN por un período de 90 días, ha causado un gran impacto en los clientes del BPP».

La comparecencia del ex presidente del BPN José Oliveira Costa en el Parlamento portugués el pasado martes, ha causado un gran impacto en los clientes del BPP. Este hecho, que se ha producido en el momento en que se genera un clima de incertidumbre en Portugal, «este fin de semana, cuando el Gobierno portugués anuncia el cierre del Banco BPN por un período de 90 días, ha causado un gran impacto en los clientes del BPP».



# A semana de campanha

Por João Vieira Pereira [jvpereira@expresso.imprensa.pt](mailto:jvpereira@expresso.imprensa.pt)

**Eleições** Já é normal que as campanhas eleitorais para o Parlamento Europeu sejam marcadas por assuntos que nada têm a ver com a Europa. Por muito que alguns partidos tentem levar o debate para temas europeus (caso do CDS e do Bloco de Esquerda) rapidamente são subjugados por temas nacionais. É muito mais fácil atirar (e tirar dividendos imediatos) ao caso BPN e BPP, às minas de Aljustrel, à realidade social e à política económica do Governo. Se é difícil perceber se é aos políticos ou aos eleitores a quem temos de atribuir o ónus da perversão crónica destas eleições, já é fácil compreender que cabe aos primeiros o papel de chamar a debate os assuntos que estão em escrutínio. Vital Moreira e o PS têm sido os que mais contribuíram para o desvio de temas, uma estratégia de pontapé para à frente de quem se sente acossado pela actual situação em que se encontra o país. Já os restantes partidos insistem em fazer destas eleições uma espécie de cartão amarelo ou vermelho ao Governo, uma mensagem perfeita de uma política estupidificada que teima em não evoluir.

Na recta final desta campanha, e independentemente dos resultados de domingo, ficamos

com a certeza do erro do PS em escolher Vital Moreira, da surpresa que foi Paulo Rangel, da boa prestação de Nuno Melo, da confirmação de Miguel Portas e de uma candidata do PCP cujo nome não me lembro...

## ABSTENÇÃO NAS ELEIÇÕES EUROPEIAS

Em percentagem



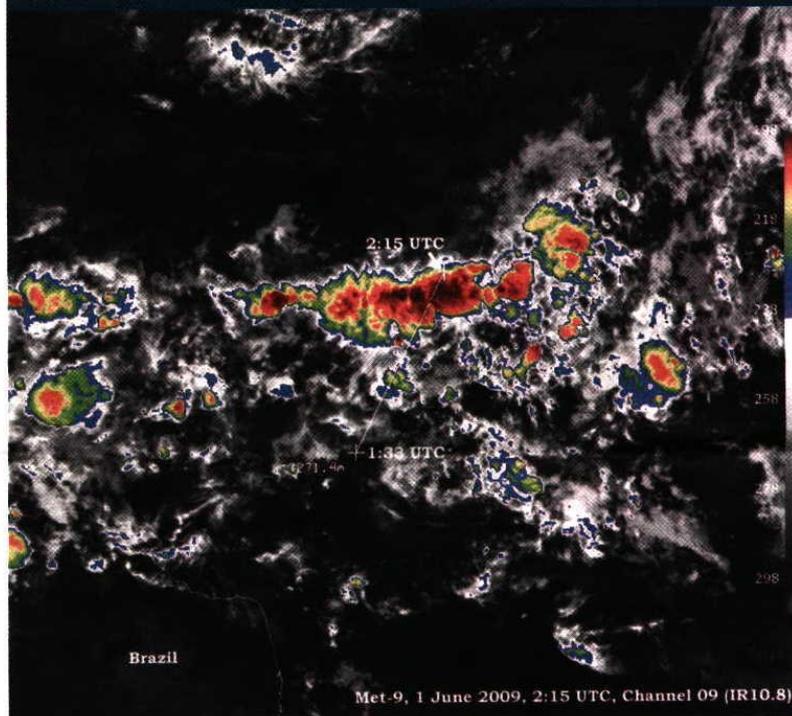
FONTE: COMISSÃO NACIONAL DE ELEIÇÕES EXPRESSO

**BPN** Oliveira Costa continua a ser o único arguido no caso BPN e até agora o 'suspeito' isolado de um processo que já custou à Caixa Geral de Depósitos 2,55 mil milhões de euros. Perante prejuízos de 570 milhões de euros em 2008 e um buraco financeiro de 1,6 mil milhões a actual administração defende que se deve preparar o BPN para que este seja vendido. A alienação do banco acaba por ser a melhor solução desde que os interesses do

banco público sejam salvaguardados, ou seja, que seja possível recuperar o dinheiro dos contribuintes que lá foi colocado.

**BPP** A situação do BPP é em todo diferente do BPN. No primeiro caso está em causa maus investimentos do banco, dúvidas sobre a legalidade de como estes foram vendidos aos clientes e a gestão do banco por parte de João Rendeiro. O banco é muito mais pequeno e dificilmente será um banco viável. Já no BPN está em causa a utilização do banco como fachada de uma série de operações cuja legalidade está a ser apurada e que levaram à descapitalização do banco, mas tudo leva a crer que o banco é viável. Apesar de histórias difíceis vividas por clientes do BPP, é preciso deixar o mercado funcionar. O Banco de Portugal, ao alargar esta semana o período de congelamento das contas 'capital garantido' dos clientes do BPP até ao dia 1 de Setembro, só está a adiar o inevitável. O mais correcto, e também o mais difícil de fazer, é decretar a falência do banco e deixar que os mecanismos de protecção para os clientes previstos na lei funcionem.

## O mistério do voo AF447



**INCÓGNITAS** A dúvida permanece. Como pode o avião mais moderno do mundo, o orgulho da Airbus, numa era tecnológica como a actual desaparecer sem deixar rasto? Cinco dias depois do provável acidente que terá estado na origem da queda do avião da companhia aérea francesa continua a falar-se sem certezas do que terá efectivamente acontecido. Foram quatro minutos fatais em que uma série de avarias culminaram com o desaparecimento do avião da Air France, fazendo 228 vítimas. A imagem em cima tirada pelo satélite Meteosat-9 e disponibilizada pela EUMETSAT, que opera os satélites europeus de meteorologia, pode ajudar a perceber uma das mais credíveis causas deste acidente. À hora do desaparecimento do voo 447 e na zona onde ele voava desenvolvia-se uma violenta tempestade cujo nome técnico é cúmulo-nimbus (a vermelho na imagem). O avião terá entrado nesta zona, algo que é proibido por qualquer manual de voo e cujas consequências são imprevisíveis. É provável que sobre este acidente nunca se saiba o que de facto aconteceu, o que para a Air France, e principalmente para a Airbus, pode vir a ser dramático. FOTO EUMETSAT/HO/EPA

## BLOCO DE NOTAS

**“O provedor é eleito por dois terços, portanto os partidos têm de se entender. Se com tanta facilidade o fizeram sobre a lei de financiamento (partidário), (...) têm agora toda a oportunidade para se entender sobre esta matéria.”**

JAIME GAMA, presidente da Assembleia da República

**“O PSD parece-me encostado por natureza à questão do BPN”**

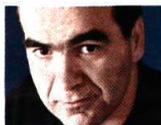
AUGUSTO SANTOS SILVA, ministro dos Assuntos Parlamentares

**“Entregámos as nossas poupanças a quatro bancos, incluindo o BPN (...). Infelizmente, estamos a perder muito, muito dinheiro.”**

CAVACO SILVA, Presidente da República

## Boas notícias

São pequenos detalhes de alguns indicadores, mas aos poucos uma ténue luz começa a surgir no fundo do túnel. A recuperação da economia nos Estados Unidos aponta para uma estabilização, ou seja, a queda parou. A crise ainda vai ser longa, mas no segundo semestre as boas notícias deverão aparecer, oxalá!



Daniel Oliveira  
danieloliveira.lx@gmail.com

## A CULPA É NOSSA

Não havia dinheiro para nada. Agora, que são outros a estar em aflições, nadamos em dinheiro para lhes dar. A crise económica e social, para a qual os governos nunca encontraram disponibilidade política para fazer frente, associada à crise financeira, que mereceu rápido socorro e um saco sem fundo de ajudas, explica a indiferença com que muita gente olha para as próximas eleições. Mas se julgávamos que tínhamos visto tudo, os números da cratera deixada no BPN ainda conseguiram espantá-los. A Caixa Geral de Depósitos já lá enterrou cerca de 1,5% do PIB nacional. Dispensam-se explicações sobre o que o banco público poderia fazer com tanto dinheiro para ajudar as pequenas empresas e a economia.

A esta sangria de fundos e à incoerência política que ela evidencia junta-se o facto de a União Europeia acordar para a democracia de cinco em cinco anos e julgar que nos intervalos tudo se pode fazer sem o incómodo de ouvir os cidadãos da Europa. Nós, europeus, não o fomos quando o Pacto de Estabilidade e Crescimento sufocou as nossas economias ou quando o Tratado de Lisboa foi assunto exclusivo para elites políticas. Nós, europeus, não tínhamos camioneta para tanta areia. O desinteresse por estas eleições é o preço que a Europa paga por achar que se pode construir sem as dificuldades da democracia e o preço que os Governos pagam por se manterem reféns de negócios privados.

Aproveitando o clima de desinteresse, Marinho Pinto disse esta semana que o não-voto seria uma excelente arma contra "mais do mesmo". A prova de que não acredita no que diz está no simples facto de, quando era ele o candidato às eleições para bastonário da Ordem dos Advogados, não ter dividido com os seus colegas tão profunda reflexão.

É evidente que os políticos não são todos iguais. Quem vende a indiferenciação apenas premeia os incompetentes. Mas mesmo que, por absurdo, o fossem, a política não é um clube reservado. Quem acha que tudo deve mudar tem, para ser consequente, obrigação de se envolver no jogo democrático. Um cidadão não é um cliente e a democracia não é um supermercado. Quem decide alhear-se da vida política não pode depois queixar-se da vida política.

Um país não é um guichê de reclamações em que do outro lado estão uns tipos que nasceram para nos servir ou para se servir de nós. Os direitos dos cidadãos dependem antes de mais de uma obrigação: a de escolherem quem os representa. Porque a política não é diferente do resto da vida: quem preferir não decidir nada não se pode queixar das escolhas de quem se deu a esse trabalho. O voto não é a única arma. Mas é ele que nos dá autoridade para exigir coerência aos demais. Um cidadão que não é exigente com as suas obrigações perde a autoridade para ser exigente com os eleitos.

Bem sei que vivemos num tempo em que o político é um produto e o eleitor um cliente. E que, como se sabe, o cliente tem sempre razão. Mas a democracia é mais exigente do que isso. Sem qualquer ironia, se os governos não prestam, se os políticos são fracos, se as políticas são erradas, a culpa é nossa. Se o nosso dinheiro está a servir para pagar o jogo dos banqueiros, a culpa é nossa. Se quem não cumpre os seus compromissos é reeleito, a culpa é nossa. Se tudo parece ser mais do mesmo, a culpa só pode ser nossa. É esta a vantagem da democracia. A culpa é sempre nossa. E é por isso que a solução também passa sempre por nós. Quem nos diz o contrário não dá voz à nossa indignação. Apenas a quer calar.



## A MÁ MOEDA DO BPN



**Ricardo Costa**

rcosta@expresso.imprensa.pt

**O Expresso nunca acusou, deu a entender ou insinuou que o Presidente omitiu ter sido accionista da SLN. Apenas noticiou que a relação accionista existiu e entendeu fazer perguntas sobre isso. É a nossa obrigação**

Vou directo ao assunto, sem rodeios: o BPN sempre foi a má moeda da banca portuguesa. Todos os banqueiros e políticos sabem isso há 10 anos. O banco era publicamente acusado de praticar taxas de juro irrealistas, de sobrevalorizar activos imobiliários, de conceder crédito sem garantias, de confundir os negócios dos accionistas de referência com os seus. Por isto tudo, o banco acabou como acabou e essa brincadeira já nos custou 2500 milhões de euros.

A SLN sempre foi o único accionista do BPN. A SLN e o BPN sempre se confundiram e nunca estiveram cotados. A SLN/BPN nunca dispersou o capital em Bolsa porque o Banco de Portugal nunca o permitiu. Por norma, os accionistas da SLN só entravam na sociedade a convite de Oliveira Costa ou de accionistas de referência. Haverá excepções a essa norma? Talvez. Cavaco Silva é uma excepção? É possível.

É óbvio que é relevante saber porque é que Cavaco Silva foi accionista da SLN e quem o convidou. Por mais que se diga, não é a mesma coisa ser accionista da Galp, da EDP, da Sonae ou da Jerónimo Martins. Estas empresas estão cotadas em bolsa. Quem tiver dinheiro compra-as. Na SLN não bastava ter dinheiro. Só se entrava a convite.

Pode ter sido a decisão de um gestor de conta? Pode. Mas não é normal nas práticas bancárias que um gestor de conta, mesmo munido de uma autorização de gestão discricionária, compre acções de uma sociedade que não está cotada. Não é normal de todo até porque o valor do activo é sempre difícil de calcular.

Cavaco Silva está visivelmente incomodado com esta situação e defende a sua honra. Tem todo o direito. Mas a honra do Presidente da República não está nem esteve em causa. Em 30 anos de vida pública e

política isso nunca aconteceu.

Se tivesse respondido às perguntas do Expresso esta questão não existia. Cavaco nunca omitiu nada, mas recusou-se a responder. E o seu comunicado de Novembro não assumia nem referia a anterior ligação à SLN.

A Presidência errou nisto como errou ao proteger Dias Loureiro. Nos dois casos, o Presidente foi obrigado a corrigir em público as suas posições.

Não há nada de ilegal neste caso. Nem há honra beliscada. Há erros políticos de palmatória, maus conselhos e más companhias: não é só na economia e na política que existe má moeda, a tal da Lei de Gresham (onde a má moeda expulsa a boa moeda) e que Cavaco Silva recordou para liquidar Santana Lopes.

A má moeda existia na banca e tinha um nome: BPN. Em 2001 Cavaco Silva comprou má moeda, que fazia e faz mal ao sistema bancário. É só isso.